

## MEIOS DE EXPRESSAR A COMPARAÇÃO NO PORTUGUÊS ATUAL DO BRASIL

Nílce Sant'Anna Martins

A comparação — confronto entre dois seres ou grupos de seres, duas qualidades, estados ou ações — é um recurso de expressividade de extraordinária importância em nossa linguagem. Serve não só para tornar mais claras e precisas as idéias para as quais não encontramos uma definição ou descrição satisfatória, como também para imprimir mais ênfase, vigor, graça, colorido, pitoresco ou originalidade aos fatos que desejamos transmitir. Tem, portanto, larguíssimo emprego na linguagem afetiva, seja na simples conversação de pessoas dos mais variados níveis de instrução, seja na expressão literária em que o artista procura fixar e transmitir fatos ou emoções. Encontram-se, nas obras literárias de todos os tempos, exemplos infinitos de comparações, desde as mais líricas e graciosas, às mais sarcásticas e contundentes, desde as mais breves e espontâneas, às mais extensas e majestosas, desde as mais objetivas e concretas, às mais sutis e filosóficas, de acordo com o assunto tratado e o gênero da composição. E o engenho dos escritores jamais esgota as possibilidades de novas e imprevisas aproximações entre os mais díspares elementos.

Cada idioma oferece os seus meios, as suas fórmulas próprias para expressar a comparação, os quais são estudados nas gramáticas ou nos tratados de estilística.

Vejamus rapidamente o que nos ensinam sobre esse tópico algumas das nossas mais modernas, importantes e difundidas gramáticas.

O Prof. Rocha Lima, em sua excelente **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, (1) faz referência à comparação nos seguintes itens:

---

(1) Carlos Henrique da Rocha Lima — **GRAMÁTICA NORMATIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA** — R.J., F. Brigulet & Cia Editores, 1957.

a) graus dos adjetivos, em que explica a formação dos três tipos de comparativo (p. 36 e 97);

b) conjunções comparativas, em que simplesmente menciona as conjunções **que, do que, como, quanto** (p. 173);

c) emprêgo de advérbios de intensidade na flexão de grau de adjetivos e advérbios (p. 338);

d) oração correlativa, em que apresenta seis exemplos de orações comparativas e relaciona “os termos correlatos característicos da correlação comparativa: tal... tal; tal... qual; tanto... tanto; tanto... quanto ou como; tanto mais... tanto mais; tanto maior... tanto maior; tanto mais... tanto menos; assim... assim; menos... que ou do que; menor... que ou do que; maior... que ou do que; melhor... que ou do que; pior... que ou do que.”

Não há mais nenhum exemplo, terminando o item com a observação de que é freqüente vir claro apenas um dos termos da correlação. Mas os exemplos dados são da correlação consecutiva. Não há referência a nenhuma outra particularidade da comparação, nem ao emprêgo de **como se, que nem, feito** e outros conectivos usados em comparações. No capítulo de Estilística há três páginas dedicadas à metáfora e uma à comparação ou símile. Explicada a “inferioridade da simples comparação diante da imagem, por exemplo, visto ser ela explícita, geralmente longa, posta em pé com o socorro indispensável das partículas **como, qual, tal, assim, à semelhança de, etc.**”, dá o A. cinco exemplos (de Camões, Bernardes, Augusto dos Anjos, Bilac e José Bonifácio) com os seguintes elos comparativos: **assim como... tal; assim como... assim; como; qual... tal.**

O Prof. Evanildo Bechara apresenta ensinamentos um pouco mais desenvolvidos na **Moderna Gramática da Língua Portuguesa** e nas **Lições de Português pela Análise Sintática** (2). Seguindo o Prof. Matoso Câmara Jr., distingue dois tipos básicos de comparação — a **assimilativa** e a **quantitativa**. “Consiste a primeira, também chamada **símile**, em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante ou mais conhecida. É introduzida a oração subordinada compa-

---

(2) Evanildo Bechara — MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA — Cia Editora Nacional, S.P. 1967 (p. 112-113); LIÇÕES DE PORTUGUÊS PELA ANÁLISE SINTÁTICA — Editora Fundo de Cultura, R.J. 1964, 3.<sup>a</sup> edição (ps. 156-160).

rativa desta espécie por **como** ou **qual**, podendo ainda estarem em correlação com **assim** ou **tal** postos na oração principal. “Os importunos são como as mósas que, enxotadas, revertem logo” (Marquês de Maricá).” “A comparação quantitativa consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos, podendo apresentar os três tipos — de igualdade, de superioridade e inferioridade” Também êstes tipos são exemplificados com pensamentos do M. de Maricá: 2 — “Um homem pode saber **mais do que** muitos, porém nunca **tanto como** todos.” — 3 — “O govêrno dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda **menos que** o dos velhacos.”

Evanildo Bechara explica ainda alguns casos especiais da comparação: 1 — comparativo de **bom, grande, pequeno, mau**, (conforme se comparem sêres ou qualidades de **bem e mal**.) 2 emprêgo de **como/como a** seguido de objeto direto: Estimo-o como um pai = como pai estima. Estimo-o como a um pai = como se estima a um pai. 3 — emprêgo de **como que** para se realçar a semelhança, aparência, quando se lhe segue verbo, sem iniciar oração comparativa. Ex. “A luz do dia, ao desaparecer, **como que** se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver.” (A. Herculano). 4 — o uso de **um como** antes de substantivo — “Refrescou-o **um como** orvalho do céu.” 5 — **como se** indicando o têrmo de comparação hipotético — “O velho fidalgo estremeceu como se acordasse sobressaltado” (Rebêlo da Silva). 6 — **que nem em vez de como, do mesmo modo que, tanto como** — “É forte que nem um touro” 7 — regência do verbo **preferir** que apresenta idéia implícita de comparação, à semelhança de **querer mais, querer antes**.

Outras gramáticas ou livros didáticos tratam ainda mais sucintamente do assunto, evidentemente por ser êle **um** tópico entre inúmeros outros. As gramáticas posteriores à Nomenclatura Gramatical Brasileira ou a ela adaptadas destacam em classificação à parte as orações conformativas, anteriormente classificadas como modais ou comparativas. A recente Nomenclatura Gramatical Portuguêsa não menciona a subordinada conformativa, tal como os gramáticos mais antigos, v.g. Epifânio Dias, Said Ali, etc.

Quanto a estudos estilísticos, praticamente nada pudemos encontrar, especialmente com referência a autores brasileiros.

A conclusão a que chegamos é que a expressão da idéia de comparação, em seu complexo aspecto estilístico-gramatical,

com todos os seus matizes significativos, sua rica escala gradativa, seus numerosos torneios sintáticos e variado vocabulário, ainda não foi suficientemente estudada entre nós. Justo e oportuno é lembrar o trabalho do prof. Clóvis Barleta de Moraes publicado no número 7-8 desta revista, 1965: **O comparativo e o superlativo em português**, estudo histórico-comparativo, bastante minucioso e claro, referente à formação dos graus do adjetivo em latim e nas línguas românicas, especialmente em português, conforme o título. Embora não se estenda à análise dos tipos de orações comparativas, constitui excelente contribuição para o estudo dêsse capítulo gramatical.

Interessando-nos pelo assunto, que nos parece curioso e atraente, além de ter grande importância na apreciação do estilo dos nossos escritores, desejamos observar, neste modesto trabalho, como os nossos autores mais modernos vêm exprimindo a comparação. Basear-nos-emos em prosadores dos mais recentes (Euclides da Cunha, de quem tomamos apenas uns poucos exemplos, é o único anterior ao Modernismo), de estilos diversos. Alguns da linha conservadora, como Gustavo Corção, Cornélio Pena, Ciro dos Anjos, Adonias Filho, que criaram sua elegante prosa literária seguindo a tradição machadiana; outros regionais, que reproduziram em suas obras particularidades da pitoresca fala de seu torrão natal, como José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Mário Palmério; outros, que atingiram um tom coloquial admiravelmente vivo, claro, poético ou irônico, como os cronistas Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, e também o Monteiro Lobato da literatura infantil e da **Barca de Gleyre**; finalmente, outros profundamente inovadores e independentes, como Mário de Andrade e Guimarães Rosa.

Em muitas dessas obras podemos encontrar não poucas fórmulas comparativas ainda não registradas nas gramáticas, seja por não terem sido abonadas pelos estudiosos do idioma, seja por não estar ainda o seu emprêgo suficientemente generalizado na língua comum, constituindo mesmo alguns casos — de Guimarães Rosa, por ex. — inovações estilísticas puramente individuais.

Preocupamo-nos sobretudo em apresentar um exemplário variado e rico de expressividade, comparações de tonalidades diversas: graves e humorísticas, descritivas e filosóficas, populares e eruditas. Tentamos também estabelecer uma classificação, tão precisa quanto possível, dos diversos casos. Pro-

curaremos examinar primeiramente a comparação expressa no interior de uma só oração e, a seguir, a comparação em período composto, observando que casos há em que, conforme aceitamos ou não a explicação apoiada na elipse, veremos uma oração como dupla ou simples. Observaremos ainda o desenvolvimento da idéia comparativa em seqüências de períodos, e, encerrando o trabalho, faremos algumas considerações sobre a oração conformativa.

## I — A EXPRESSÃO DA COMPARAÇÃO DENTRO DE UMA SÓ ORAÇÃO

1 — O primeiro caso que se nos apresenta à consideração é aquêle em que a semelhança entre dois têrmos é estabelecida sem nenhum vocábulo que encerre sentido comparativo. Trata-se de uma comparação sintética, resumida, de extraordinário valor expressivo, em que se define, se explica, se representa ou se sugere uma coisa por meio de outra, havendo entre ambas um ponto de semelhança, não raro muito sutil, descoberto pela acuidade de observação ou pela imaginação vivaz de quem fala ou escreve. A êste caso particular de comparação costuma-se dar o nome de metáfora. Podemos ter as seguintes construções metafóricas:

a) O têrmo que se explica figura como sujeito e o têrmo que constitui a imagem figura como predicativo, sendo êles ligados geralmente pelo verbo *ser*. Exemplos:

**“O céu é um imenso jardim municipal. As estrélas são rosas que os bons munícipes não devem arrancar e que têm o público mister de adornar os sonhos simples dos namorados pobres”.** (G. Corção — L. A. 253).

**“Deixo para trás o excitante problema dos outros, porque eu mesmo, para mim mesmo, sou uma gaveta fechada, uma rocha compacta, um abismo”.** (id. ib. 235).

**“Viver, filosofei pela rama, é colecionar ruínas”.** (P. M. C. — Q. 48).

**“E começávamos a pressentir que viriam outros incêndios. Em outras idades. De outros brinquedos. Até que um dia também desaparecêssemos sem socorro, nós, brinquedos que somos talvez, de anjos distantes.”** (C. Meireles — Q. 171)

**“O menino é um retalho de húngarês”.** (M. Andrade — F.C. — 167).

"O colégio fôra o viveiro com duzentos bicos comendo no mesmo cocho e bebendo na mesma água". (J. A. Alm. — B. 28)

Com outros verbos além de ser :

"A arvore ficou uma mastreação de navio assaltado por malta de piratas ou cheia de marinheiros num dia de festa náutica". (G. Amado — H.M.I. 131)

"Do asfalto vinha um hálito de forno e o céu tinha virado uma tampa metálica pintada de azul". (G. Corção — L.A. — 308)

"Maior Anacleto ficou peru, de tanta raiva". (G. Rosa — S. 101)

"Têta quer dizer torneirinha de leite". (M. Lobato — Ref. N. — 163)

b) A imagem se exprime num apôsto, posposto ou anteposto ao fundamental.

"De que adianta mudar, se carrego comigo as minhas coisas e a Coisa? Se carrego a mim mesmo? Eu — traste inútil de minha vida, o mais gasto, manchado e ridículo?" (P. M. Campos — Q. 49)

"Noite sem lua, concha sem pérola". (G. Rosa — S. 189)

"A voz retorna — cascos em chão sêco — a completar a figura daquele menino que se arrastara no sangue dos pais e dos irmãos para ocultar-se na selva". (A. Filho — C.V. 27)

"Os imundos quulosques, verdadeiros escarros nas praças da cidade". (M. Bandeira — Q. 68)

No Chapadão do Bugre, Mário Palmério emprega várias vezes esta construção, utilizando-se de elementos do meio em que se desenrola a ação:

"O coração batia-lhe compassado — surda mão de monjolo socando pilão na arca do peito". (42) "Ao lado, rente, um cão de fila, o Sargento Hermenegildo". (323) "O Clodulfo, mudo — um perdigueiro em pleno amarre, de tão tenso — não sabia ainda se a coisa começava bem ou mal". (186)

c) A explicação ou imagem aparece como adjunto adnominal do outro termo. É construção muito popular: coração de pedra, força de touro, fúria de leão, nariz de papagaio, voz de taquara-rachada, cabelos de ouro, etc.

As rôlas esvoaçavam num barulho de sêdas esfregadas". (G. Amado — H.M.I. — 102)

“E êle foi para um jirau, com a barriga de hidrópico e a **respiração difficil de um cachorro veadeiro** que voltava da caça. (G. Rosa — S. 158)

“A minha raiva crescia, **raiva de cangaceiro emboscado**. Por que esta comparação? Será que os cangaceiros experimentam a cólera que eu experimentava?” (G. Ramos — A. 207)

“Ali, na sala de jantar da fazenda de Seu Sebastião, todo o mundo ouvia a história com a **atenção de herdeiros reunidos para a leitura do testamento**”. (M. Palm. — V.C. 109)

“Targino, com o indicador da mão direita, deu um tiro mímico no meu pobre amigo, rindo, rindo, com a **gelidez de um carrasco manchú**”. (G. Rosa — S. 275)

“... a luz do sol fêz as negras encolherem-se em seu canto, com **gestos de morcegos irritados**”. (C. Pena — F. 75)

O adjunto pode ser constituído por uma oração adjetiva justaposta com pronome indefinido **quem**:

“Encontrou-o com cara **de quem havia comido um urutu recheado de escorpíões**”. (M. Lobato — R. N. 34)

d) O termo que se procura explicar, tornar mais concreto e sugestivo, aparece como adjunto adnominal do termo que o caracteriza. Em vez da comparação explícita — A vida é como um teatro — diz-se — o teatro da vida. Há, portanto, uma transposição da imagem em posição enfática.

“Sem desnorsteio, sem desperdício, cumpridor da obrigação, aproveitava para encher, mais um trecho, a **infinita lingüiça da vida**”. (G. Rosa — S. 49)

“A noite me parecia um bastidor de bordar e cada canto de galo um fio vermelho juntando-se na tela para fazer a **flor da aurora**, flor como aquelas que Nanoca de Seu Juca fazia lá perto de casa”. (G. Amado — H.M.I. 102)

“... dilatava ainda mais as **crateras das ventas**”. (G. Rosa — S. 4)

e) O termo fundamental não é expresso, sendo substituído ou englobado pelo termo da imagem. É a comparação mais sintética de tôdas, constituindo mesmo um processo de formação vocabular.

“Cada árvore tinha um **vestido nôvo** para a festa da ressurreição”. (J. A. Alm. B. 245)

“A mãe inda ficava rezando, uns pares de horas, pra cada santo esquisito que ela **escarafunchava** lá de quanta **alcova** tem o paraíso”. (M. Andrade — B. 136)

“Outro fato que **borbulhou** mais alto na correnteza dos dias, foi a fuga de Mariazinha com o homem do circo”. (G. Amado — H.M.I. — 43)

“No português, no espanhol e no toscano, o povo não teve tempo de **mastigar** o esdrúxulo, que ficou assim **encoscorando** a prosódia”. (id. ib. — 74)

“O caipira **veste a cara** que sempre usa por ocasião das velhacadas: cara séria, tristonha de doente crônico”. (M. Palm. — V.C. 337)

Por vêzes, o autor cria um neologismo para a sua metáfora:

“Do lado do oriente o horizonte se **cartãopostalizava** clássico”. (M. Andrade — F.C. 71)

“Losangos tênues de ouro **bandeiranacionalizavam** o verde dos montes interiores”. (O. Andrade — M.S.J.M. 97)

2 — A idéia de comparação é expressa no nível do vocabulário, havendo uma palavra ou locução de sentido comparativo.

#### A — Entre os verbos temos:

a) os que significam “apresentar semelhança ou diferença”: parecer, semelhar, assemelhar-se, afigurar, dar o ar, o aspecto, a impressão de, diferir, distinguir-se. Praticamente despido do seu valor verbal, gramaticalizado, podemos dizer, emprega-se o verbo **ver**, sòzinho ou combinado com **é**: **é ver**.

Eu não gostava de ser menino. Minha vontade era ser homem feito. E agora êste buço **parece** o luto de minha infância que morreu”. (J. A. Alm. — B. 31)

“Suas amigas entoavam um cântico que **mais parecia** um gemer de bruxas”. (C. Pena — F. 76)

“Êle teve a impressão de que não era xingamento **parecia** antes um chamado”. (C. D. Andrade — C.A. 46)

Nos dois exemplos anteriores, com os advérbios **mais** e **antes** a comparação é assimilativa e intensiva de desigualdade: o cântico parecia mais gemido de bruxas do que pròpriamente cântico.



No seguinte exemplo de M. Palmério — “O céu **parece até que** lavado e esfregado de nôvo: nem uma paininha, nem uma penugenzinha de nuvem, nada, nada...” (V. C. 377) — devemos considerar o **que** expletivo enfático, ou subentender o verbo auxiliar da voz passiva sendo o **que** integrante, ou ainda ver um caso de contaminação sintática das duas construções: **parece até lavado e parece que foi lavado?** Inclina-mo-nos pela primeira hipótese.

Continuemos com os exemplos:

“Só lhe faltavam argolas nas orelhas para **semelhar** a um pirata de conto árabe”. (G. Amado — H.M.I. 129)

“Aquilo, para mim, **semelhava** um milagre”. (G. Rosa — G.S.V. 147)

“Mas o amor e a morte nisto **se assemelham**: não precisam de tôda essa cópia parasitária de detalhes, utensílios e compartimentos que fazem de uma casa um efervescente e ruidoso microcosmo”. (G. Corção — L.A. 15)

“Tudo se lhe **afigurava** um sonho, entretanto êle, Sancho e todos os mais haviam testemunhado o fato.” (M. Lobato — D.Q. 158)

“Alguns (peixinhos) **davam idéia** de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção”. (M. Lobato — R.N. 134)

“Muito abatido, lúgubre, **dava o ar** de quem estivesse carregando o pêso do mundo”. (G. Rosa — S. 167)

“Os colegas põem muito escárnio nos sorrisos, mas Lailino **dá o aspecto** de quem estivesse recebendo uma ovação”. (id. ib. 70)

“... e ao cabo de vinte minutos de exercício penoso o meu corpo **toma a configuração** de um arco”. (G. Ramos — A. 130)

“A casa do S. Carlos, rodeada na frente e nos lados de uma espaçosa varanda debruada por um gradil de madeira carcomida, a que faltavam vários paus, **tinha** de longe **um ar** de bôca com falha de dentes”. (G. Amado — H.M.I. 238)

“Os cavalos tinham agora um trote macio que não **se distinguia da música das carapanãs**”. (G.R. — A. 238)

O curioso emprêgo de **ver, é ver**, no sentido de parecer, ou equivalendo a simples **como**, encontra-se em autores de diferentes regiões, como Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, Má-

rio Palmério, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira, na fala de personagens do povo, ou num tom colloquial:

“Era ver um enforcado; e o povo diz que é assim mesmo: maldição de pai à força leva”. (R. Queiroz — 100 C. 82)

“E nesse nôvo sorriso, êle lhe viu um dente de ouro, bem pequeno, quase escondido no canto da bôca, que era ver mesmo uma jóia guardada em caixa de cetim”. (id. ib. 19)

“Pois é... tem vidas assim tão bem preparadinhas, sem surpresa. São ver gaveta arranjada, com que facilidade você tira a cueca no escuro...” (M. Andrade — B. 27)

Flora, êta mulatinha esperta! Também com cada olho de jabuticaba rachada, branco e prêto luzindo melado, ver suco de jabuticaba mesmo...” (M. A. — B. 51)

“Elis trazia o cabelo sempre bem roçado, arredondando o côco. Pixaim fininho, tão fofo que era ver piri de beira-rio”. (id. ib. 89)

“Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa”. (M. Lobato — R.N. — 11) “Sua cara está que é ver aquele bule velho de chá, com êsse bico...” (id. ib. 70)

“Não é de admirar, 'tá visto; que um rapaz, que inda não igualou direito é mesmo que nem poldro nôvo, mal comparado: é ver criatura de saia, 'tá coa cachola aviada”. (V. Silveira — A.C.P. 22)

“Os soldados, soldadesca, tantas tropas. Surgiram de todos os lados de supetão e agatanhavam, naquela sanha, é ver cachorrada caçante”. (G. Rosa — G.S.V. 230).

“No ferrenho, tive um tempo de coisa, espécie de mais mêdo, o que um não confessa: vara-verde, ver”. (id. ib. 163)

“O fogão-de-forno com as beiradas forradas de fôlhas de lata, areadas ver um espelho”. (M. Palm. — C.B. 276) “Animal muar. Seu Eduardo, é muito regulado de intestino, ver um relógio”. (id. ib. 92)

Menos conhecida é a expressão usada no Nordeste, também de cunho popular, **dê por visto**, com o mesmo sentido comparativo:

“A urubuzada vinha apus do resto da carniça. **Dê por vista** uma nuvem de chuva”. (J. A. Alm. — B. 53)

“O corpo está bom. Os pés não prestam, com êsses sapatos indecentes. **Dê por visto** um pavão”. (G. Ramos — A. 79)

b) **verbos que estabelecem confronto, equivalência** — comparar, valer, igualar, equiparar, ombrear, estar à altura de; para indicar grande distância quanto ao valor de qualidade, temos na linguagem popular as expressões “não chegar aos pés” ou “ao calcanhar de alguém.”

“Na escola de Seu Antônio Justino, decorando a geografia, eu **comparava Amaro** ao sol. Amaro era uma espécie de sol trepado num mourão”. (G. Ramos — A. 163)

“Quando um homem **compara** outro homem ao cão, dizendo “Tu és um cão”, o outro puxa a faca”. (M. Lobato — M.E. — 20)

“Os meus trabalhos e aventuras **igualam-se** aos trabalhos de Hércules”. (id. D.Q. 158)

“Os dois contendores **equivaliam-se** em fôrça”. (id. M.E. 46)

“Não há lugar no mundo que **valha** o sítio da vovó. O sítio da vovó é gostoso como um chinelo velho”. (id. ib. 46)

“Aí a causa de não ter podido César **ombrrear-se** com Alexandre. (C. Anjos — M. 20)

“Nunca houve no mundo gemada que **chegasse aos pés das** de tia Nastácia”. (M. Lobato — H.M.C. — 146)

c) **verbos que exprimem a idéia de semelhança associada à de evocação ou suposição**: lembrar, recordar, dizer-se.

“As palavras, agora, **lembram** o trote de um cavalo”. (A. Fúno — C.V. 27) “Todos pareciam dormir no casarão parado que, a mim, **lembrou** um rochedo dentro da noite”. (id. ib. 6)

“... o companheiro **recordava idéia** de um chaleirão que fervesse, e a fervura fazendo pular a tampa”. (G. Rosa — U.P. 145)

“E viúvas espiam de janelas, que **se diriam** jaulas”. C. D. Andrade — C.A. 50)

“Quanta falta lhe faz uma estampa como a do Barão de Jequitai... **Dir-se-ia** que havia fabricado uma armadura e se metera dentro”. (A. Anjos — M. 16)

No seguinte exemplo de Guimarães Rosa a idéia de semelhança se liga à de imitação:

“Os olhos dela rebrilhavam **reproduzindo** fôlha de faca nova”. (U.P. — 140)

d) **verbos que exprimem uma opção seqüente a uma comparação**: querer mais ou antes, preferir. O primeiro é mais usado seguido de complemento com **que** ou **do que** — e será exemplificado em outro tópico.

“**Prefiro a minha pobreza**, o meu banguê botando cana para usina no dia que quiser, **a esta riqueza** que faz mêdo à gente”. (J. L. Rêgo — U. 121)

“**Dantes preferira a glória ao amor**”. (M. Andrade — F.C. 15)

Embora não aprovada pela gramática, vem-se generalizando, sobretudo na linguagem falada, a regência **preferir do que**, que encontramos neste passo das memórias de Oswald de Andrade:

“Levantando-se, o magistrado teria dito que **preferia vir a ser carroceiro** e puxar nas ruas da Córte o queixo de um burro **do que aceitar o exílio!** (H.s.P. 39)

Encontramos ainda o segundo têrmo expresso em oração infinitiva com a locução **em vez de**:

“Mas eu **preferia presentear** os gringos com bombas, **em vez de estar pichando paredes**”. (C. Anjos — M. 28)

Fundindo numa só construção **querer mais e querer antes**, Guimarães Rosa faz um seu carreiro declarar enfaticamente:

“**Mais em antes eu queria** um rapazinho carapuçado e arapuado, que fôsse malcriado mas com sustância que nem eu, pra trabucar”. (S. 294)

B — Como **adjetivos** que se enquadram na área semântica da comparação, temos: igual, semelhante, parecido, análogo, mesmo, idêntico, diferente, outro, diverso, heterogêneo, preferível, preferido, superior, inferior, anterior, geralmente seguidos de complemento nominal que constitui o segundo têrmo da comparação.

“Pe. Sommer ... **igual** mesmo às chuvas, trazia vida nova ao arraial, e só êle para lavar aquelas almas de tanta sujeirinha cumulada”. (M. Palm. V.C. — 30)

“Estrebuchava também com certeza: **igualzinho** ao frango índio de pescoço cortado, roncando o **mesmo** gluglu feio e gosmento”. (id. ib. 87)

Note-se o diminutivo intensificando a idéia de semelhança. No mesmo grau encontramos **talqualzinho, direitinho**:

“Um sol, **talqualzinho** a bola de enxôfre do fundo do pote, marin hava céu acima...” (G. Rosa — S. 352)

“Embora idênticas na essência, as idéias que temos hoje não se mostram amanhã **taisquaizinhas**”. (M. Lobato B.G. 190)

“Venceslau Pietro Pietra nem se incomodou, **diretinho** o elefante”. (M. Andrade — M. 129)

Muitas vêzes **igual** aparece sem a preposição **a**, equivalente a **como**. Trata-se de tendência popular.

Minha barriga devia estar inchada, **igual a de um sapo, igual um saco** de todo tamanho”. (G. Rosa — G.S.V. — 184)

Em Guimarães Rosa encontramos êste curioso exemplo em que **igual** (como) é seguido de **igual** adjetivo:

“Lá ia êle [Joca Ramiro], deveras, em seu cavalo branco, ginete, ladeado por Sô Candelário e Ricardão, **iguais** galopavam”. (G.S.V. — 217)

Passemos à exemplificação dos outros adjetivos:

“Creio que situação **semelhante** só a houve na Europa por ocasião das Cruzadas... mas então as massas humanas eram **outras**, em proporções e sentimentos”. (R. Queiroz — 100 C. — 14)

“Havia naquela hora uma calma abandonada e um pouco triste, um tanto **parecida** com o seu estado de alma mais freqüente”. (E. Veríssimo — R.S. 48)

“... a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o **mesmo** sorriso das noivas”. (G. Corção — L.A. 265)

“Como são **diferentes** os homens que crêem nas **mesmas** coisas e pronunciam as **mesmíssimas** palavras”. (id. ib. 35)

“E o santarrão do Tadeu recusaria tal pôsto em circunstâncias **análogas**”? (C. Anjos — M. 15)

“Em tôdas as trovas do sertão parece-me ter notado a existência de um elemento de drama ou comédia **diverso** do que se poderia chamar o simples lirismo ou narração que participa da natureza da epopéia”. (G. Amado — H.M.I. 120)

“A conclusão que tiro é que a vida e a morte são **heterogêneas**, e que a vida não se pode tomar como um objeto de arte, música ou poema...” (G. Corção — L.A. 70)

“Escapei de boa! Pontapé dum bruto dêstes não é nada agradável, mas mesmo assim deve ser mil vêzes **preferível** às suas facadas”. (M. Lobato — R.N. 81)

"Ficarei assim com um elmo **superior** ao que Vulcano fez para Marte". (id. D.Q. 105)

"Ali estavam as pessoas mais velhas, as grossas árvores, as casas, as montanhas, tudo a me falar de uma história **anterior** e de um cenário **anterior**". (G. Corção — L.A. 81)

Também com o pronome indefinido **quejando**, já um tanto arcaizado, se pode indicar semelhança, como neste exemplo de Ciro dos Anjos:

"Quer o inocente do Hermeto combater com reformas eleitorais e **quejandos** a intervenção do poder econômico nas eleições." (M. 14)

Também no sentido de semelhante, Monteiro Lobato emprega o vocábulo **irmãs**, com valor de adjetivo, portanto:

"Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito **irmãs** das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu". (F. 36)

O particípio **feito**, com o valor de adjetivo, também exprime idéia de semelhança.

"Andava sujo, as calças com os fundilhos rotos e as bainhas esfiapadas, a gravata **feita** uma corda". (G. Ramos. A. 106)

Com o particípio **feito** já ocorreu o fato chamado de **gramaticalização**; perdendo sua significação própria, é usado como conectivo, tal como se deu com **salvo, mediante, visto** e outros. Cândido Jucá (filho) ~~taxa~~ de absurda a tendência de usar **feito** invariável, em sinonímia com **como**. (3) Entretanto, esse emprêgo frequentíssimo na linguagem falada, já o é também na escrita do nosso século, parecendo-nos um fato inelutável. Veremos em outro tópico os exemplos comprovadores. Lembremos aqui apenas um exemplo em que tanto podemos classificar o vocábulo como particípio quanto como conectivo: "Feliciano devia estar **feito** um carvão." (J. L. Rêgo, U-116). Podemos entender que Feliciano, vítima do incêndio, estava transformado em carvão, ou "como carvão", igual a carvão, o que aliás dá na mesma.

---

(3) Cândido Jucá (filho) — DICIONARIO ESCOLAR DAS DIFICULDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA — R.J., Ministério da Educação e Cultura, 1963, (verbete *feito* — p. 300).

C — **Entre as locuções de sentido comparativo**, citemos: à maneira de, a modo de, à moda de, à semelhança de, do tamanho de, da mesma laia, do mesmo naipe, da igualha de, ao pé de, perto de, etc.

“O Rio creseceu neste século à **maneira de** uma imensa favela”. (M.B. — Q. 70)

“Porque o cavour não tinha mangas, tinha umas a **modo de** asas”. (M.B. — Q. 136)

“e vive à **moda de** lobo solitário...” (R. Queiroz — 100 C. 6)

“E aí, com a partida de seu Valdemar, a cena se encerra completa. **ao modo de** um final de primeiro ato”. (G. Rosa — S. 80)

“Isso até parece brincadeira. Ninguém soverte assim **da moda de orvalho!**” (M. Palm. C.B. 74)

“A luta entre Popeye e os marinheiros do Wonderland foi dessas coisas que só gênios **do tamanho de** Shakespeare e Dante se atrevem a descrever — e mesmo assim descrevem mal”. (M. Lobato — M.E. 62)

“Os **da minha igualha** não dormem, velam sempre”. (id. D.Q. — 66)

“Ah. Sócrates. vovó! **Perto dêle** o milionário comum não passa dum mendigo”. (id. F. 23)

“Abre o livro com preguiça, imaginando que, **ao pé** do Presidente o Cardeal de Retz seria criança de peito”. (C. Anjos — M. 10)

“... quando no meio dêles se trança um ajuste calado e certo, **com semelhante**, mal comparando, **com o governo** de um bando de bichos”. (G. Rosa — G.S.V. 203)

3 — Indicando uma semelhança vaga, imprecisa, uma aproximação da idéia que se quer dar, podemos ter:

a) antes de substantivos **um(a) como, como que, assim como** ou ainda a locução **uma espécie de**:

“...uns **como prenúncios de fome**”. (E. Cunha — S. 375)

“...sinto emanar de tudo isto **como uma gigantesca e contínua vontade de redenção**, um apêlo milenar de socorro...” (C. Pena — F. 94) (Não temos o artigo indefinido antes de **como**, mas parece-nos que o sentido é o mesmo de **uma como gigantesca vontade**...) )

“O bandolim era **como que um companheiro** da solidão”. (E. Veríssimo — R.S. 17)

"Sentiu **como que uma ventania** rápida passando perto d'ele". (id. ib. 28)

"Depois teve **assim como um assomo** de consciência e explicou..." (R.Q. 100 C. 31)

"Os mosquitos resistiam a tudo, e o fio de som que emitiam no vôo lento, indo e vindo, tecia sôbre a cama **uma espécie de cortinado**". (C. D. Andrade — C.A. 72)

"Abrem-se os lábios **numa espécie de sorriso**". (A. Filho — C.V. 10)

b) Mais frequentemente encontramos **como, como que** antes de **verbos**; antes de verbo no indicativo, em oração independente, parece mais comum **como que** e antes de forma nominal, em oração reduzida, apenas **como**.

"Um vento alto **como que queria** apagar as últimas estrelas para que êle fugisse no escuro". (J. A. Alm. — B. 226)

"Encostado à palha, um burro pachorrento com as orelhas doloridas, **como que esplava** também a visão desmuda da noite enigmática". (id. ib. 216)

"Depois cerrou os olhos, **como parã se certificar** de que estava acordado". (id. ib. 262)

"Foi saindo de costas, muito ágil, mão erguida e fechada, e sumiu, literalmente sumiu, **como evaporado** no calor". (C. D. Andrade — C.A. 72)

"Ê a voz que sobe, **como nascendo** do sangue". (A. Filho — C.V. 2)

"Moviam-se sem pressa, numa calma silenciosa: andavam de leve **como que flutuando** no ar". (Veris. R.S. — 12)

Exprimindo êsse mesmo matiz significativo — sugestivo, hipotético — Guimarães Rosa emprega também **feito, a modo, a modo e coisa que**:

"Depois olhou prêto para Lélío, quase com ódio, **feito** achando que estava sendo caçoado". (ib. 169)

"Lélío, confusamente, gostava que nenhum dos outros comentasse sua ausência, **a modo deixando** dito que cada um ali era livre de suas ações". (U.P. — 163)

"Ô bicho enjoado! Vai chamar chuva noutra parte!... **A modo e coisa** que está botando ovo e veio comer minhoca de beira de corgo". (S. 192)

4 — Com as locuções **cada vez, cada dia, cada ano, dia a dia, de ano a ano** (seguidas de **mais** ou de **menos**), **mais e mais**, indica-se aumento ou diminuição progressiva da qualidade ou



atividade de um ser, comparando-se, portanto, a qualidade e atividade de tempos diversos num período simples. É construção muitíssimo usada, de farta exemplificação. Podemos chamá-la comparação progressiva.

“Ele vira aquela praça crescer. E o engraçado era que com o passar do tempo, ela ia ficando **cada vez mais nova** e **êle cada vez mais velho**”. (E. Verís. — R.S. — 26)

“Catarina está ficando velha, mas não esquece. Velha por fora, **cada vez mais velhinha**, mas por dentro **cada vez mais louçã, mais clara, mais lisa**”. (G. Corção — L.A. 86)

“Um diretório **cada dia mais colaboracionista**”. (C. Anjos — M. 106)

“E já vinha vindo, fazia tempo, de luta com o filhinho doente e desrecursado de tudo, **plorando dia a dia**”. (M. Palm. C.B. 250)

“O vento acabara com o mais, carregando as cinzas das fogueiras e o estrume do gado, **de ano a ano mais raros**”. (id. ib. 273)

“... e as placas sangüíneas do rosto, em lugar de se sumirem, **mais e mais** cresciam e avermelhavam. (id. ib. 348)

“Ele olhava para mim com mistura de respeito e alarme como quem começasse a entender e por outro lado **cada vez menos entendesse**”. (G. Corção — L.A. 281)

Em vez da locução adverbial, pode completar uma comparação progressiva uma oração subordinada proporcional (período composto):

“A medida que me demorava no exame, as fisionomias se tornavam **mais transparentes**”. (G. Corção — L.A. 319)

5 — Certas formas de comparativo têm um sentido intensivo que se aproxima do superlativo.

a) Assim, para se reforçar o sentido de uma expressão, indicando que ela por si não corresponde plenamente à idéia que se quer exprimir, pode-se empregar **mais (do) que**:

“A gente é **mais do que pobre** lá em casa”. (Am. Fontes — C. 132) (**Mais do que pobre** equivale a **muíto pobre**, sendo até mais expressivo”.)

“Explorávamos sordidamente sua boa-fé e **mais do que** isso, sua facilidade em arranjar dinheiro com papai. **Duzentos réis** era preço **mais do que razoável**, mas eu pedia quinhentos”. (C. D. Andrade — C.A. — 8)

Em vez de **mais do que ruim**, Guimarães Rosa emprega **pior que ruim**: “Aqui, no tabuleiro, o caminho está ainda **pior que ruim**.” (S. 313)

A locução indicando insuficiência do termo pode aparecer também antes de substantivo:

“Alguma coisa **mais do que resignação** sustenta as donas de casa”. (C. D. Andrade — C.A. 8)

“Isso é **mais do que uma idéia mãe**”. (M. Lobato — R.N. 50)

“Isso é **mais que temeridade**, senhor”. (id. D.Q. — 137).

“Cajango era **mais do que um filho** para o negro Setembro”. (A. Filho — C.V. 28)

Se o sentido da palavra é mais intenso que a idéia que se quer exprimir, usa-se **menos (do) que**:

“Isso prova como o Universo é infinitamente grande e como a nossa Terra é pulga. **Menos que pulga**: é espirro de espirro de pulga”. (M. Lobato — V.C. 88)

b) Muitíssimas comparações populares, já estereotipadas, têm sentido nitidamente enfático, equivalendo a superlativos ou a advérbios intensivos. Clóvis B. de Moraes nos dá os seguintes exemplos — “puro como um lírio”, “velho como a Sé de Braga”, “burro como uma porta”, “rico como um porco”, “sabido como êle só”, “esperto como ninguém.” O prof. Sousa da Silveira (4) cita também, de Gil Vicente, “Estou loução **como quê**”, de largo uso na língua falada: “nervoso **como quê**”, “feio como quê”, etc.

Essa lista de comparações intensivas de cunho popular poderia ser prolongada, se não “ad infinitum”, pelo menos “ad nauseam”. Lembremos apenas mais alguns exemplos, observando como são frequentes os casos em que o termo da comparação é um animal: “firme como o Pão-de-Açúcar”, “pálido como cêra ou como um cadáver”, “bom como um pão”, “ruim como casca de ferida”, “quente como o inferno” “feio como o diabo, como a necessidade”, “liso como sabão”, “mudo como peixe”, “frio como cobra”, “calmo como um boi”, “ágil como um gato”, “manso como um cordeiro”, “alegre como um pas-

---

(4) Sousa da Silveira — LIÇÕES DE PORTUGUÊS — 4.<sup>a</sup> ed. S.P. Cia Editora Nacional, 1940, (p. 185).

sarinho”, “bêbado como uma cabra”, “gôrdo como um elefante ou baleia”; “falar como gralha, como papagaio”, “chorar como bezerro desmamado”, “pular como cabrito”, “cair como um pato”, “morrer como um carneiro”; “resmungar como negro velho”, “trabalhar como um mouro ou como condenado”, “comer como um abade”, “dormir como uma pedra”, “tremer como vara verde”, etc. Note-se que essas comparações aparecem também com os conectivos **que nem e feito**.

Procurando dar uma idéia da riqueza das comparações populares, em número e qualidade, a GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUÊSA E BRASILEIRA apresenta uma extensa lista de comparações referentes aos magros. Destacamos alguns: “magro como um cão vadio, como um esqueleto, como um palito, como um espêto, como um junco, como um caniço, como espinha, como enguia, como um arenque, como uma lampreia, como um canivete,” e outras mais usuais entre os portugueses. A mesma Enciclopédia cita as obras “**Comparações Tradicionais Portuguesas** de Cláudio Basto e **Setecentas Comparações Populares Alentejanas**, obras que dão bem uma idéia da importância desse recurso de expressão na fala do povo.

Por vêzes, querendo-se enfatizar a qualidade ou ação em questão, não se encontra um termo de comparação satisfatório; recorre-se então às fórmulas **como êle só, como ninguém, como quê** (já citadas acima), **como nunca, mais que nunca, que só êle** e outras. Exemplifiquemos essas curiosas expressões:

“E Seu Americão Barbosa inventara ainda, desta feita **mais carrancudo e severo que nunca nos decretos...**” (M. Palm. C.B. 7)

“Não havia dúvida que era um homem de verdade. Raparigueiro, mas trabalhador **que só êle**”. (J. L. Rêgo — U. 151)

“Lá está o peste [o urubu] de plantão. Refestelado **que só êle** no galho alto do pé de angico esquecido no meio do pasto”. (M. Palm. V.C. 260)

Em **Vila dos Confins**, Mário Palmério reduz esta fórmula a **que só**: “Novidadeiro **que só**, espalhou a notícia. (373). “E deixou a seção, gorda **que só**” (331). “Pois é um bicho dêsses, velho **que só**, que acaba cometendo a suprema tontice...” (121). Curioso que no **Chapadão do Bugre** já não entrega a locução mutilada e mesmo a locução completa quase não aparece. Temos êste exemplo, bastante irônico em que se refere à dona de um prostíbulo —

"Mas severa em matéria de respeito e bons costumes, muito moralista, a Carvalhosa — enérgica **que só ela quando precisava**". (218)

Buscando sempre a ênfase, diz o Riobaldo do seu Diadorim:

"Sério, quiento, **feito êle mesmo, só igual a êle mesmo** nesta vida". (G. Rosa — G. S.V. 219). E o bem-falante Lalino Salatiel chega até a suprimir o adjetivo, talvez supérfluo: "Eu acho que nunca vi espigas de milho **tão como as de lá**". (G. Rosa. — S. 75)

Conforme ensina o Irmão Arnulfo, tais expressões estereotipadas devem ser consideradas adjunto adverbial, sem que se recorra à elipse para obter um verbo e formar uma oração subordinada comparativa (5). Não é até ridículo desenvolver "Burro como uma porta (é burra)"?

6 — Se as citadas construções de comparativo encerram um sentido superlativo, o chamado superlativo relativo tem sentido comparativo, relacionando-se uma coisa ou pessoa (ou ainda coisas ou pessoas) que se destacam de um grupo às demais coisas ou pessoas dêsse grupo. Assim, dizer-se que "a rosa é a mais bela das flôres" é o mesmo que se dizer que "a rosa é mais bela quê tôdas as flôres". Compara-se, pois, um exemplar de uma espécie com os demais elementos da espécie, encarecendo-se um de seus atributos. Trata-se de construção enfática de grande valor afetivo, sendo freqüentemente usado com o complemento **do mundo, da terra** e equivalentes. Monteiro Lobato usa e abusa do superlativo relativo, bem como do absoluto, na sua literatura infantil. "Os maiores exa-geros do mundo", "Abriu a maior bôca do mundo", "As mais leves dançarinas do mundo", são alguns dos muitos exemplos que encontramos nas **Reinações de Narizinho**. Reforçando o tom afetivo da construção, emprega ainda o adjetivo no diminutivo:

"É o reino mais bem **arrumadinho de quantos** vi até agora". (R.N. 85)

---

(5) Irmão Arnulfo — GRAMÁTICA RESUMIDA — P. A., Editora Globo, 1960 — "Muitas dessas expressões comparativas são modismos estereotipados, fossilizados (= meras locuções superlativas, intensivas) e é artificial subentender nelas o verbo da oração regente. A essas é mais acertado analisá-las como simples locuções adverbiais, e não orações (as quais requerem sujeito e predicado). Ex. Correr *como o diabo*. Trabalhar *como um mouro*. (A rigor ninguém pensa em mouro, o mesmo se dando em *mourear*. Como em tais adjuntos adverbiais, desempenha papel de preposição)." (157).

Podemos ter construções que são um misto, uma forma intermediária de comparativo e superlativo relativo :

“Será ela **mais formosa do que as outras mulheres** que encontrei?” (G. Corção — L.A. 98).

“Bom, tem uma **francesa mais bonita de tôdas, loirinha**”.  
(G. Rosa, s. 78)

Deve ter sido pelo seu sentido de comparativo que o superlativo relativo, que se exprimia em latim pela mesma forma do superlativo absoluto seguido de genitivo, passou a ser expresso em português e em outras línguas românicas pela mesma forma do comparativo, acompanhada do artigo definido e seguida de complemento com a preposição **de**.

7 — Casos há em que só aparece claro o primeiro termo da comparação. Ou o outro é óbvio, evidente, ou o comparativo se refere ao mesmo ser em dois momentos diferentes. Os exemplos dêsse tipo são muito numerosos e mesmo nas frases já transcritas apareceram alguns. Vejamos mais êstes :

“Valdemar levantou-se, atravessou a sala, foi até os fundos do prédio para respirar **um ar menos oficial**” (C. D. Andrade — C.A. 61)

Muito expressivo, pela antítese que encerra, êste exemplo de Cornélio Pena :

“As lágrimas, achando os vincos do riso, **correram mais facilmente**”. (F. — 119)

Nas **Reinações de Narizinho**, descrevendo os preparativos da menina para o baile do Príncipe Escamado, e querendo sugerir como ela vai ficando bonita, Lobato usa êste comparativo com muitas repetições, num máximo de ênfase :

“**Mais linda ainda** ficou Narizinho, **tão mais linda** que o espelho **arregalou um pouco mais** os olhos, começando a abrir a bôca.

— Pronto? — perguntou a menina, deslumbrada.

— Espere — respondeu D. Aranha Costureira. Faltam os pós de borboleta.

E ordenou às suas seis filhinhas que trouxessem as caixas de pó de borboleta. Escolheu o mais conveniente, que era o famoso pó furta-tôdas-as-côres, de tanto brilho

que parecia pó de céu-sem-nuvens misturado com pó de sol-que-acaba-de-nascer. Polvilhada com êle a menina ficou tal qual um sonho dourado! Linda, tão linda, **tão mais, mais, mais linda**, que o espelho foi arregalando **ainda mais** os olhos, **mais, mais, mais**, até que — craque!... rachou de alto abaixo em seis fragmentos"! (28)

8 — Até que ponto devemos recorrer ao auxílio da elipse na análise das orações em geral e da oração comparativa em especial, é um dos problemas que uma nova gramática da língua portuguesa deverá resolver. Por ora as gramáticas apenas ensinam que "não é costume repetir, na oração comparativa os dizeres da oração subordinante que a inteligência facilmente supre." "O sussurro do mar é como (é) um câro de finados". (6) Ou: "As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos têrmos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos. "Os importunos são como as m oscas são..." (7)

Adriano da Gama Kury, em seu compêndio de análise sintática, (8) inclui entre os adjuntos adverbiais o de compara ao, com o seguinte exemplo: "Ele falou como um inspirado." Mas ao tratar das orações comparativas diz ser freqüente nelas a elipse do verbo que já figura na oração principal — "Sabe o leitor tão bem **como eu**." "Ninguém ama a brandura **mais do que eu**." E analisando o período — "Pascal   um dos meus av os espirituais; e conquanto a minha filosofia valha mais do que a dêle, não posso negar que era um grande homem" — classifica "do que (vale) a dêle" como oração subordinada adverbial comparativa.

Em erudito trabalho sôbre a locu ao comparativa **do que**, o Professor Theodoro Henrique Maurer Jr., (9) ao referir-se

- 
- (6) Sa id Ali — GRAMÁTICA SECUNDARIA DA LÍNGUA PORTUGUESA — edi ao revista por Evanildo Bechara, S.P., Edi oes Melhoramentos, (p. 144).
- (7) Evanildo Bechara — LI OES DE PORTUGUES PELA ANALISE SINTÁTICA: (p. 157-8)
- (8) Adriano da Gama Kury — LI OES DE ANALISE SINTATICA — 4.ª ed. Editora Fundo de Cultura, 1967, (p. 46; 82; 122).
- (9) Theodoro Henrique Maurer Jr. "A origem da locu ao conjuntiva "do que" introdutora do segundo têrmo da compara ao". ESTUDOS FILOLÓGICOS. Homenagem a Serafim da Silva Neto. R.J., Edi oes Tempo Brasileiro Ltda, 1967 (p. 272)

ao segundo termo da comparação emprega as expressões **complemento oracional** (o caso de “Fizeram muito menos **do que tinham prometido**) e **complemento simples** (caso de “... mais pareciam ieras **do que homens**, ou mais demônios **do que feras**), embora sem mencionar explicitamente a distinção.

No caso da **conformidade**, considera-se **oração** se há verbo expresso e adjunto adverbial se não o há, admitindo-se para os conectivos **como**, **conforme**, **consoante** e **segundo** as classificações respectivas de conjunções ou preposições.

Achamos que tal critério deve ser adotado também para a comparação. Se a oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial, por que não tomar logo o segundo termo da comparação desprovido de verbo como adjunto adverbial, sem estar forçando (e complicando) sua ampliação em oração? Com base nesse raciocínio e seguindo o Professor Maurer, bem como avançando um pouco mais na aplicação da lição do Irmão Arnulfo, acima mencionada, incluiremos nos casos de comparação dentro de uma só oração, a comparação que tem como segundo termo a tradicionalmente chamada oração comparativa elítica, isto é, o termo de comparação em que não figura verbo explícito. Este será considerado adjunto adverbial de comparação, a menos que vindo com um verbo de ligação se refira ao sujeito, tendo, portanto, o valor de predicativo, como no exemplo do M. de Maricá citado por Evanildo Bechara — “Os importunos são como as mósca. . .” (são semelhantes às mósca). (As orações do tipo “Tal pai, tal filho” incluem-se entre as orações nominais, constituindo um outro caso).

As comparações que devemos estudar neste item são muitíssimo numerosas, apresentando conectivos variados. Vamos apresentá-las em dois grupos: A) as assimilativas e intensivas de igualdade; B) intensivas de desigualdade: inferioridade e superioridade.

A) Nem sempre é possível distinguir as comparações assimilativas das intensivas de igualdade, estando associadas as duas idéias, como neste exemplo de Drummond: “E queria que o chão e os móveis do nosso interior tão modesto fôsem **limpos como sua consciencia.**” (C.A. 85) — Temos o símile relacionando **chão e móveis** a **consciência**, através da idéia de limpeza, de igual intensidade em ambos os termos. Outro exemplo da mesma associação temos neste pitoresco passo de

Mário de Andrade: "Solicitude não lhe falta: lhe falta é ter vindo ao mundo naqueles tempos de dantes, em que minha mãe aprendeu a pregar **botões tão garantidores como um fio de barba de meu avô.**" (F.C. 142)

a) O conectivo mais freqüente e generalizado neste grupo de orações, e quase o único empregado pelos escritores que mantêm o padrão lingüístico tradicional, é **como**, que pode vir relacionado a **assim, tal, tão, tanto, também**; pode ainda aparecer enfatizado por um advérbio intensivo como **exatamente, precisamente, justamente** ou atenuado por **quase, mais ou menos**. O exemplário das comparações dêste tipo é praticamente ilimitado, revelando a fecunda imaginação dos escritores, que descobrem pontos de semelhança entre as coisas mais díspares, quer sejam da mesma natureza (concretas ou abstratas), quer sejam de natureza oposta.

"O negro é tranquilo **como uma árvore**". (C. D. Andrade — C.A. 79)

"O riacho tinha um dono, seria mandado **como boi de carro**". (J. L. Rêgo — U. 150)

"...eu também amo a neve; e às vezes tenho um desejo louco de ir ao seu encontro, de beijá-la no ar, de senti-la em redor de mim a cair **como um jasmineiro de cristal** que se desfolha". (C. Meireles — Q. 58)

"Os bambus; Belos, **como um mar suspenso**, ondulado e parado". (G. Rosa — S. 234)

"Até que assomou à porta da venda — **felo como um defunto vivo, gasturento como faca em nervo, esfriante como sapo**, Sua Exa. o Valentão dos Valentões. Targino e Tal". (id. ib. 275)

"Seguem para a batalha **como para algum folgado turbulento**". (E. Cunha — S. 321)

"Não podemos tocar **tão ligeiro como a coragem**, Manico, o burrico não pode com isto". (G. Rosa — S. 33)

"Turíbio Todo viera mesmo para Piedade do Bagre. **justo como um catingueiro** à frente do latido de dez trelas e mais a buzina do perreiro". (id. ib. 144)

"E êle voltará para a chateação do ponto, magro, triste. **É pouco mais ou menos como eu**". (G. Ramos — A. 173)

"O carcereiro balançava as chaves, e o delegado dava encontrões no povo, carrancudo, **quase tão importante como o prêso**". (G. Ramos — A. 162)

"Entendo **tanto de política como de missa**". (M. Palm. V.C. 165)



“...tenho verificado que os **espíritos desencarnados, tais como os russos brancos** fugidos dos bolchevistas, invariavelmente reclamam para si uma alta posição social na vida anterior”. (id. ib. 41)

b) Em correlação com **tão e tanto** usa-se também **quanto e quão** comparando-se qualidades.

“Homem de tórax **tão largo quanto** os das béstas que montava”. (A. Filho — C.V. — 11)

“Eu sabia que Joel falava da bôca para fora, e que a idéia de sorvete, exposta de maneira **tão súbita e tão estranha a ele quanto a mim próprio**, não lhe podia ser indifferente e muito menos repugnante”. (C. D. Andrade — C.A. — 29)

“Mentira pura, porquanto ele tinha mas era um excesso de bezerros curraleiros, **tão vagabundos quão abundantes**”. (G. Rosa — S. 183)

c) Também tradicional é a comparação com **qual, tal, tal qual, tal... tal**. Temos ainda **tal e qual** (também grafado **tal-e-qual** e **talequal**) e **talqualmente**, forma mais enfática apreciada por Mário de Andrade e outros autores desejosos de maior variedade.

“Estrondeavam pragas **qual um bafo do inferno**”. (J. A. Alm. B. — 192)

“**Qual** a onça acuada por uma matilha de gozos, o criminoso detinha com uma imobilidade faiscante a cabroeira poltrona...” (id. ib. 205)

“Com as orelhas — espelhos da alma — tremulando, **tais ponteiros de quadrante...**” (G. Rosa — S. 33)

“E pega no mãozão cascudo, pesando **tal um** caminhão de tora”. (M. Palm. V.C. 90)

“João Batista colhia contente as flôres, **tal um** conquistador”. (D. S. Q. — Q. 86)

“De tardinha, na hora de pegar a estrada, tocavam tardos; ele tonto **qual** jamais outro, perdida logo a perpendicularidade...” (G. Rosa — S. 261)

“Mas tem a Alda, que está muito bonita, dizem, e que, em outros tempos, **tal qual** Maria Irma, foi minha namorada de brinquedo”. (id. ib. 209)

“Rua mesmo, uma só: começando na igreja e acabando no cemitério, **tal e qual** a vidinha do povo que mora

lá”. (M. Palm, V.C. 23) “Aquele mocinha magra, alta, de capa verde-clara — **tal e qual** louva-a-deus”. (id. ib. 236)

No **Chapadão do Bugre**, Mário Palmério emprega uma construção em que **tal qual** aparece posposto ao segundo termo da comparação o qual toma a posição de aposto, fundindo portanto duas construções numa só.

“Arrastava-se de mansinho — **um jaracuçu, tal-qual**”. (43). “Subiu, explodiu, e o bumbo da banda reboou — **um eco, tal e qual**”. (117) (Notem-se as diferentes grafias que o autor empregou.)

“Pequeninho, redondo, encolhido, **talequalmente** tatusinho de jardim”. (M. Andrade — B. 111)

“...Agora você fica pouco tempo môço, **talqualmente** os outros homens.” (M.A. — M. 90). A tristura **talqualmente** correição de sacassaia viera na taba e devorara até o silêncio”. (id. ib. 37) “A môça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e êle enrolou-se nela **talqualmente** um apuizeiro carinhoso”. (id. ib. 166)

d) A comparação com **que nem**, embora não seja plebeísmo e se encontre também em escritores de Portugal, tem a preferência popular, sendo muito freqüente seu emprêgo na literatura moderna do Brasil, a não ser nos autores da linha conservadora. Mário Palmério, por exemplo, abusa dessa locução, sobretudo em **Vila dos Confins**.

Antenor Nascentes diz que a expressão **que nem** pode ser interpretada subentendendo-se **de tal modo** ou substituindo-se a mesma por **como**. Tomando o exemplo de Rebêlo da Silva — “As feras, tímidas que nem cordeiros, acoutavam-se submissas no povoado” — explica: “Tímidas que nem cordeiros = de tal modo que nem cordeiros o são” ou “como cordeiros o são.” (10) Preferimos a segunda explicação, sem subentender o verbo ser. Na maioria dos casos não há diferença de intensidade entre **que nem** e **como**. Em alguns casos, contudo, parece que **que nem** é mais forte, mais expressivo, podendo ser substituído pelo comparativo de superioridade. Assim, quando a Maria Irma do Guimarães Rosa diz: “E você é **que nem um padre** para especular”, é como se dissesse: “Você é **pio** **que um padre...**” (S.203).

Passemos a outros exemplos:

“Que olhos sossegados! Adoçavam tudo **que nem** verso de Rilke”. (M. Andrade — B. 87)

(10) Antenor Nascentes — “MÉTODOS PRÁTICOS DE ANÁLISE LÓGICA 18.ª ed. Livraria Francisco Alves, 1957 (p. 67).

“Pois aquela Mocinha tinha sido na vida dêle **que nem** um beija-flor que entra por uma janela e sai por outra, chicotinho verde e tôdas as côres no ar: que gente bem nem viu... (G. Rosa — U.P. — 168)

“Isso de querer-bem da gente é **que nem** avenca-peluda, que murcha e, depois de tempo, tendo água outra vez fica verde”. (id. ib. 216)

“E me falava suave, a vozinha **que nem** fio de retrós de sêda: fininha e macia...” (M. Palm. — V.C. 211)

“Mas o corpo de sucuri escorrega **que nem** quiabo, molgueia **que nem** borracha, estica **que nem** visgo de leite de mangaba”. (id. ib. 157)

Ainda em Mário Palmério encontramos a combinação enfática de **tal-e-qualzinho com que nem**:

“O Josué não veio, mas me pediu pra lhe falar que pensa **tal-e-qualzinho que nem eu**”. (C. B. — 170).

e) O mesmo autor nos apresenta ainda, no **Chapadão do Bugre**, uma fórmula curiosa para exprimir a comparação, uma construção de difícil análise, em que entra o **nem** introduzindo o segundo termo de comparação, podendo vir depois um termo de intensidade — **tão ou mais**:

“**Nem vaca magra** por queimada de brejo, a paixão de Vicência por palhaço e pantomima”. (115)

“E rolando por sôbre as sacas de farinha — **nem uma gata de tão esperta** — atirou-se pelo vão dos fundos da rebaixa do paiol”. (43) “Quando apareceu no cabriolé, **nem o dono do carro**, o Dr. Otacílio, para saber assentar-se **assim com mais pose**”. (119) Quando deu fé, **nem bote de cobra para ser mais veloz**”. (42)

f) Também muito generalizada na língua literária contemporânea é a comparação estabelecida por **feito**, condenada por Cândido Jucá (filho), conforme já mencionamos, e **nem** sequer citada em nossos compêndios gramaticais. Entretanto, até numa obra da fase em que imperava o purismo gramatical, numa obra de caráter acentuadamente erudito como **Os Serões** de Euclides da Cunha, encontramos numerosos exemplos dêsse emprêgo. Vejamos alguns:

“E as balas desciam incessantes, aqui, ali, de soslaio, de frente, pelo centro da legião surpreendida, pontilhando-a de mortos — **feito** uma chuva silenciosa de raios”. (279)

“Sòmente a fortaleza moral de um chefe pode obstar esta refiguração deplorável, descendo lúcida e inflexível, **feito** uma diretriz em que se retifique o tumulto”. (326)

“Canudos era uma tapera miserável, fora dos nossos mapas, perdida no deserto, aparecendo, indecifrável, **feito** uma página truncada e sem número das nossas tradições”. (363)

Passemos a outros autores :

“As fôlhas velhas cortavam-lhe a cara, mas quando o feitor virava as costas, êle se agachava e mordida com casca e tudo **feito guaxinim**”. (J. A. Alm. B. 37)

“Então é o que foi a história. Ela agarrou na mão, no braço dêle, ôlho veio vindo e ficou saltado na frente **feito** holofote verde”. (M. Andrade — B. 83)

A comparação com **feito** é a mais usada em **Macunaíma**. Contam-se dezessete exemplos, sendo as demais assim distribuídas: onze com **que nem**, seis com **que**, três com **talqualmente**, três com **talequal**, três com **como** e uma de cada um dos tipos: **qual**, **à feição de**, **a modo de**, **do tamanho de**, **direitinho**, **ver**.

Acrescentemos outros exemplos, de outros autores :

“Então eu estava ali era **feito** um escravo de morte, sem querer meu”. (G. Rosa — G. S. V. — 63) “Caiu, tão pálido como cêra do reino, **feito** um morto estava”. (id. ib. 225)

“Chuveiro, não: banho de bica, bica de monjolo, **feito** aquela da fazenda do João Geraldo”. (M. Palm. V.C. 88)

“O seu Ricardo estava bem junto, ganhando 60\$ por mês, comendo com os oficiais, **feito** lorde em relação com os outros filhos”. (J. L. Rêgo — U. 99)

“Ficou branco **feito defunto** quando eu deixei perceber que ia modificar aquêles autos, tão bem datilografadinhos...” (C. Anjos — M. 93)

Numerosíssimos exemplos com **feito** encontramos na peça de Antônio Calado **Forró no Engenho Cananéia**, em que figuram personagens humildes do povo.

“A gente planta êle aqui mesmo, **feito** uma árvore de coragem”. (171) “O Coronel conhece todo o governo e falou dum jeito agourento. **Assim feito** o céu preto avisando: “Chover eu não chovo, mas essas nuvens aí não sei...” (68)

g) Locução freqüente também nas comparações é **(o) mesmo que**, **(a) mesma coisa que** :

“Quisera êle ter em Goiana terras daquelas, um mas-sapê que era **mesmo que** estrume para cana”. (J.L. Rêgo — U. 139)

“Isso é o **mesmo que** pedir esmola”. (id. ib. 279)

“Fiquei na estica. Mas, com a vontade de Deus, não pedi nem roubei. Todo o meu pessoal na cacunda e até dei conta de gente que era **mesmo que** ser minha”. (J. A. Alm. — B. 47)

“O que se dizia num quarto, o **mesmo que** ser dito no outro”. (M. Palm. V.C. 64)

“Mas eu sabia que cigano tem uma esganção medonha, **mesmo que** doença, pra baldrocar cavalos...” (G. Rosa — S. 271)

“Os senhor querer que eu ajude o João Soares a derrotar o Chico Belo é a **mesma coisa que** pedir à fome para vir comer”. (M. Palm. V.C. 215)

“Rosa viera pra companhia delas aos sete anos quando lhe morreu a mãe. Morreu ou deu a filha que é a **mesma coisa que** morrer”. (M. Andrade — B; 11)

Guimarães Rosa emprega apenas **mesmo** com o **que** oculto neste passo :

“Desarme e dei pancada, no Sergião Congo, mãe Quitéria, que era mão que desce, **mesmo** monstro matador”! (S. 342)

h) Também em Guimarães Rosa encontramos o original emprêgo da expressão **que perto** indicando semelhança :

“E se transformava, muito séria, de repente, o ar de zangada sem motivos, os olhos paravam duros, apagados, **que perto** os de uma cobra”. (U. P. — 138)

**B — A comparação intensiva de superioridade e inferioridade** se exprime com as palavras **mais e menos**, modificando substantivos, adjetivos, advérbios e verbos. Essa intensidade ou gradação pode ser expressa com maior ou menor ênfase mediante o emprêgo de **muito, pouco, muitíssimo, pouquíssimo, um poucadinho, bem, incomparavelmente** junto a **mais** ou **menos**. O conectivo é **que** ou **do que**. O Professor Maurer Jr., no artigo já citado, explica cabalmente a formação desta locução, refutando uma explicação de Júlio Moreira bastante divulgada. Não cabendo neste trabalho considerações sobre o aspecto histórico da comparação, mas apenas a documentação do seu uso na atualidade, só queremos transcrever do

profundo estudo do insigne mestre o seguinte trecho: “A velha conjunção **que** também ainda se encontra, sobretudo em escritores preocupados em cultivar uma tradição clássica. A forma corrente na linguagem usual é hoje **do que**: “Vocês têm muito mais tempo do que eu. “Tu tens mais talento e mais disposição para o trabalho do que êle.” “O sol é muito maior do que a terra”. Em outro passo diz que “a locução **do que** perdendo os últimos traços de seu valor semântico primitivo, se generaliza como introdutor de qualquer complemento comparativo de desigualdade, tornando-se um equivalente de **que**, acabando de fato, na linguagem moderna por desbancar quase universalmente essa conjunção comparativa.” (11) Não nos parece, contudo, tão escasso o uso do simples **que** nos autores de cujas obras extraímos o exemplário dêste estudo. Em Mário de Andrade, por exemplo, só encontramos **que**. Monteiro Lobato, que muito se valeu da comparação, emprega quase tanto o **que** quanto o **do que**. E muitos outros, embora empregando de preferência a locução, não deixam de empregar também, aqui ou ali, a forma **que**.

Vejamos a exemplificação:

“Um rosto tem **mais ideogramas do que** a escrita chinesa. A questão é aprendê-los”. (G. Corção — L.A. 170)

“Mas não mande cuidar de política, que um gato morto pendurado pelo rabo num arame de cerca **faz muito mais figura do que** eu”. (M. Palm. V.C. 215)

“Só vejo que êsse povo vaqueiro todo tem **mais medo** de um pito do senhor **do que** da chifrada de um garrote, comparando sem quebrar seu respeito, meu compadre seu Major. (G. Rosa — S. 35)

“E como eu andava em automóveis oficiais, naturalmente indisciplinados e velocíssimos, não podendo berrar de susto por causa da boa educação, ah meu Deus! **dei mais suspiros que** em tôda a minha adolescência, que passei todinha suspirando à-toa”. (M. Andrade — F.C. 200)

“Tito era **mais velho do que** eu um ano e tinha muito mais peito”. (C.D. Andrade — C.A. 9)

Na comparação com adjetivos, tanto se podem confrontar os sêres ou fatos em que se nota a qualidade, como se pode considerar a diferença de intensidade de duas qualidades refe-

---

(11) idem 9

rentes ao mesmo ser. Se estas forem bondade, ruindade ou grandeza, usam-se as mesmas formas do positivo precedidas dos advérbios intensivos, e não as formas sintéticas irregulares, usuais na língua comum. Só na fala dos ignorantes é que se encontram as formas analíticas (mais bom, mais grande, mais ruim) bem como as sintéticas reforçadas pelo advérbio por não se sentir nelas a intensidade comparativa. Na linguagem escrita tais fatos só ocorrem quando o escritor procura reproduzir com fidelidade o linguajar de personagens incultos do povo, conforme os exemplos de Valdomiro Silveira, Mário de Andrade e Mário Palmério, que transcrevemos mais adiante.

"Eu amo a minha paciência. É **mais lenta que** um buço..." (M. Andrade — F.C. 106)

"Só depois é que sofreu pelo filho, horroroso de magro e **mais frágil que** a virtude". (M. Andrade — B. 126)

"Comecei por dizer comigo mesmo, repetindo o sábio inglês que é **mais extraordinário ter um nariz do que** ter um nariz extraordinário". (G. Corção — L.A. 296)

"Estamos encarcerados numa prisão de fios de chuva — coisa **mais aprisionante que** grades de ferro". (M. Lobato — B.G. — I. 40)

"Depois, passada a fase pròpriamente lúdica, o aparelho aqui ficou, esquecido durante todo êsse tempo, pois cheguei à conclusão de que êle para mim é **mais inútil que** um automóvel sem gasolina ou uma caneta sem tinta". (F. Sabino — Q. 110)

"Uma dona em tualete de baile é muito mais monumental na rua XV, mesmo sendo catatauzinha, **que** a estátua de Feijó..." (A. Andrade — F.C. 34)

"Era um **poucadinho bem mais gorda que** seu Lemos". (M. Andrade — B. 144)

"Então, Cassiano, por sua vez muito bem comovido, porque é **melhor** a gente ser bondoso **do que** ser malvado, puxou-o para si num abraço". (G. Rosa — S. 162)

"A vida na prisão não seria **pio**r **que** a que eu tinha". (G. R. A. 170)

"Algebra é **pio**r **que** a jabuticaba com caroço para entupir um freguês". (M. Lobato — R.N. 258)

"...e êsse dinheiro, ai de nós! ainda era **menor do que** nossas mesquinhas despesas". (C. D. Andrade — C.A. 24)

"O sentinela chegou a ver a onça montada no jegue, já a galope, e afirmava que ela era **bem maior do que** o jumento". (M. Palm. V.C. 113)

exemplo de Camilo Castelo Branco. (12) Encontramos exemplos em Mário de Andrade e Mário Palmério :

“Que se tenha conseguido implantar, neste calor brasileiro, laivos bem visíveis da civilização européia, me parece admirável de força e tenacidade. E talvez tolíce enorme. **Milhormente** nos formaríamos talvez como chins ou indianos de místico e vagarento”. (M. Andrade — F.C. 269)

“Outro qualquer que não éle, Seu Persilva, teria ido apelar à porta da sede... se mostrar, alardear bravata. senão, proceder **plormente ainda**: ao dar com gente à roda do patrão, pedir logo um reservado com éle!” (M. Palm. C.B. 77)

A comparação entre verbos nada apresenta de especial :

“Hoje eu ainda gosto mais de me alembiar disso do que de comer doce”. (G. Rosa — S. 272)

Em vez de mais, melhor, pode-se usar antes :

“Quero **antes** comer tranqüilo um pedaço de pão bolorento do que ser governador esfaimado pelo médico, contrariado por todos, pisado e cavalgado como fui”. (M. Lobato — D.Q. 189)

“E se a obrigação (de viver) se interrompe mais cedo, não será **antes uma** vantagem do que uma desvantagem?” (R. Queiroz 100C. 53)

“**Antes** penar que morrer”. (M. Lobato — F. 79)

## II — A EXPRESSÃO DA COMPARAÇÃO EM PERÍODO COMPOSTO

— No período composto, podemos ter os seguintes tipos de oração comparativa :

1 — oração subordinada comparativa: a) com o mesmo verbo da principal; b) com verbo vicário (fazer); c) com verbo de significação semelhante à do verbo da principal.

a) “Mas havia em mim qualquer coisa que denunciava um estranho. As crianças **olhavam me como olham** os homens que aparecem nas escolas pelos exames”. (G. Ramos — A. 181)

“Suas palavras **queimavam** os meus ouvidos **assim como o fogo queimava** a lenha”. (A. Filho — C.V. 29)

---

(12) Mário Barreto — DE GRAMÁTICA E DE LINGUAGEM — vol. V. R.J., Organização Simões, 1955 (p. 170)



"Agora pra diante é que me aconteceu coisa **inda mais pior**"... (V. S. — A.C.P. 25)

"Teresinha secundava que espanhola era **muito mais melhor** que brasileiro, sabe! sua filha de negro, mãe de assassino! (M. Andrade B. 116)

"O senhor houvera de ver o corpo do Seu Inacinho: ficou **mais pior do que** rês depois de quarteada". (M. Palm. C.B. 54) "Pois até que já tenho topado animal **bem mais pior** na doma **do que ela**". (id. ib. 14)

"É amigo de Cajango e posso afirmar que o diabo é **menos perverso que** aquêlê cão assassino". (A. Filho — C.V. 12)

**Comparação de qualidades** — "Gravata preta de laço **mais desajeitado que displicente**". (C.D. Andrade — C.A. 182)

"A cadelinha Lúcia era uma espécie de Greta Garbo, **mais maravilhosa que linda**". (M. Andrade — F.C. 14)

"E, numa recriminação **mais galhofeira que sincera** lhe dizia..." (Am. Fontes — C. 63)

"...veremos a confiança que felizmente não hesita em acreditar, como deve realmente ser, que o homem é **mais bom que ruim**". (M. Andrade — A.L.B. 257)

Também encontramos comparada a intensidade da posse de alguma coisa:

"Pois minha infância era **mais dela do que minha**". (G. Corção — L.A. 87)

Podem-se comparar ainda duas situações, dois níveis de qualidade de um mesmo indivíduo em momentos diferentes:

"Hoje, que fugia dêsses artifícios, fiz de mim um ser **mais artificial do que antes**". (M. d. Picchia — A.C.P. 118)

"Fêz-se **mais taciturno do que nunca**". (Am. Fontes — C. 81)

**Comparativo de advérbios**: "Mas as verdades correm **mais depressa que** os jornais". (M. Andrade — F.C. 131)

"O belo príncipe cantava agora **mais ridiculamente do que nunca**". (G. Corção — L.A. 52)

**Melhor e pior** com valor de advérbio podem ser acrescidos do sufixo *mente*, conforme ensina Mário Barreto, que cita

"Pelo seu gôsto, o ciumento dêsse puro ciúme escondida a mulher, **como o avaro esconde** na terra o seu tesouro". (G. Corção — L.A. 136)

"A mata, goela grande, **devora o riachinho, como um bicho fabuloso** nas estampas **devora cobras**". (G. Amado — H.M.I. — 104)

"Hoje **acho tão natural** que êsse burro fale, **como acho natural** que uma laranjeira produza laranja". (M. Lobato — M. E. 51)

"Isso é o que resta duma antiga expressão portuguesa que **foi perdendo sílabas como a gralha perdeu penas**". (id. F. 23)

b) "Os braços se moviam com agilidade incrível e seu corpo atravessava as brechas **como talvez não façam os demônios** nos infernos". (A. Filho — C.V. 14)

"As cartas iam passando de mão em mão, **como fazem os pedreiros com os tijolos**". (M. Lobato — R.N. 122)

c) "É o mulungu **derribava flôres suas** na relva, **como se atiram fichas** ao feltro numa mesa de jôgo". (G. Rosa — S. 244)

"Escutava-me com visível aborrecimento, **como um doente ouviria a descrição** dos ferros e lancêtas que o iriam martirizar". (C. Pena — F. 50)

"Depois, com natural solenidade, muito séria, estendia-me os braços, carregando o pobre alfarrábio e **apresentava-o como os antigos pajens entregavam as jóias reais** — pousadas em almofadas". (id. ib. 68).

2 — A comparação intensiva tem como segundo termo uma oração com verbos como **supor, querer, pedir, prometer** ou equivalentes, estabelecendo-se uma comparação entre duas faces de um mesmo fato: a real e a idealizada.

"Não há dúvida, a situação não é má **como êle supunha**". (C. Anjos — M. 161)

"Outra verdade, Ana Maria: Não és tão segura de ti **como supões**". (id. ib. 129)

"Contudo é um sujeito estimável e até interessante, **tanto quanto o gênero maritabi-péguy-claudel permite**". (id. ib. 129)

"Pode ser que retorne à fazenda **mais cedo do que esperam**". (id. ib. 171).

"Olha, o Presidente está **menos seguro do que se pensa**".

"As coisas não são **tão simples como as fábulas querem**". (M. Lobato — F. 185)

"A loucura de D. Quixote é coisa **mais** comum do que se pensa". (id. D.Q. 95)

"Sabia português como pretendemos sabê-lo". (id. B. G. — I. 268)

**3 — Comparação proporcional** — ocorre quando se estabelece entre duas orações com advérbio de intensidade indicando ação progressiva, uma proporção direta ou inversa. É construção que muito se presta à expressão de contradições, paradoxos, ironia. A correlação se faz com os seguintes termos, em combinações várias:

quanto (ou tanto)	} . . . . {	tanto (ou quanto)
mais, menos,		mais, menos,
maior, menor		maior, menor,
melhor, pior		melhor, pior.

"Irra! **Quanto mais** me procuro, **mais** me perco". (M. d. Picchia — A.C.P. 117)

"**Quanto mais** a alma seca, **mais** elas [as lágrimas] correm, como se não viessem da alma". (J. A. Alm. B. 47)

"Todavia, como o bom, o legítimo capiau, **quanto maior** é a raiva, **tanto melhor** e **com mais** calma raciocina, Turíbido dali se afastou mais macio ainda do que tinha chegado..." (G. Rosa — S. 141)

"Uma fortaleza **tanto mais** resiste **quanto mais** bem consolidada (ML. D.Q. 182)

"Uma família abastada distinguia-se pela espessura dos tecidos que usava. **Quanto mais** hirto, grosso e crespo o gorgorão, **melhor** a família". (G. Amado — HMI. 41)

"Chego a dizer com Kierkegaard que **quanto mais** me demonstrarem a imortalidade da alma, **menos** creio nela". (G. Corção — L.A. — 63)

"Sou inimiga do tamanho. Acho que as coisas **quanto mais** se aperfeiçoam, **menores** ficam". (M. Lobato — R. Nat. 34)

"Esses dois, **quanto menos** forem vistos zanzando agora na cidade, **melhor**". (M. Palm. C.B. — 109)

Também se exprime a comparação proporcional com **mais** apenas em cada uma das orações, construção considerada galicismo (13).

---

(13) Mário Barreto, op. cit. (p. 222).

“E, **mais** alto avançavam êles, **mais** gelada se fazia a chuvinha de vento do Chapadão”. (M. Palm. C.B. 243)

“**Mais** passavam os dias, **mais** fogo punham no ódio já inflamado e fácil de crescer”. (id. ib. 290)

Guimarães Rosa nos dá esta construção ultra-enfática:

“**Quanto pior mais baixo** se caiu, **maismente** um carece próprio se respeitar”. (G.S.V. — 142)

Interessante comparação proporcional, não progressiva, verdadeira proporção matemática, encontramos na **Barca de Gleyre** de Monteiro Lobato — “Estou agora às voltas com a **Eneida**. Mas, pelo que já li, Virgílio está para Homero como o jornalista está para o escritor.” (I, 208)

4 — **Comparação hipotética** — O fato tomado como segundo termo da comparação, nem sempre é fato real, acontecido, mas imaginado, suposto, **hipotético**, portanto. Temos, neste caso, a comparação dita **hipotética**, muito frequente, sobretudo quando se quer exprimir impressões, sensações, estados emocionais um tanto confusos, indefiníveis. Aparece abundantemente em textos de fundo psicológico, v.g. nos romances **Angústia** de Graciliano Ramos, **Lições de Abismo** de Gustavo Corção, **Fronteira** de Cornélio Pena, dentre os que foram utilizados neste trabalho. No último, encontramos cerca de setenta comparações dêste tipo. Vejamos algumas:

“Parecia que estava longe dali, **como se** o seu espírito se tivesse retirado subitamente e deixasse perto de mim apenas o seu corpo imóvel” (C. P. — F. 57)

“Mas agora reinava na casa tôda um silêncio transparente, sem mistério, **como se** estivesse completamente vazia das vidas que nela transpiravam”. (id. ib. 158)

“As vêzes, como em sonhos, um cântico longínquo se erguia, mas eu escutava suas ondulações melancólicas. **como se** viesse do espaço, como o gemer do vento ou o ronco ensurdecido das trovoadas que se sucediam com majestosa regularidade”. (id. ib. 108)

De Graciliano Ramos: “Na animação da palestra procurava cigarros, mas retirava a mão do bolso **como se** tivesse sido mordido”. (A. 176) “O galope dos cavalos não me saía dos ouvidos. crescia **como se** avançasse nos paralelepípedos”. (ib. 237)

De Gustavo Corção: “A própria viúva já chorava discretamente **como se** tomasse cuidado que sua dor não excedesse os limites daquela sala alugada para o efêmero acampamento de uma aflição”. (L. A. 48)

Nota-se na comparação hipotética um esforço mental de encontrar uma explicação para qualquer fato, ou coisa que determina uma impressão mais forte. Veja-se êste exemplo de J. Américo: “Tudo se transforma com a intervenção da primeira chuva, **como se** a queda d’água fôsse o hissope aspergido da reconciliação do céu com a terra precita.” (B. 244)

Monteiro Lobato emprega também com freqüência a comparação hipotética, muitas vêzes com efeito humorístico.

“Para o nosso pó essa distância é a canja das canjas. Num pisco devoramos essas 64 mil léguas, **como se** fôsem uns biscoitinhos de polvilho dos que derrem na bôca”. (V.C. 47) “Estava o pobre Marquês nos braços dum enorme polvo, que o olhava muito admirado, **como se** jamais houvera visto leitão com laço de fita na cauda”. (R.N. 132) “A grande idéia tonteou D. Benta **como se** fôra uma paulada no crânio”. (ib. 325)

O termo de comparação hipotético é geralmente introduzido pela locução **como se** (correspondente ao latim **quasi**), figurando o verbo no imperfeito, ou mais que perfeito do indicativo, ou no mais que perfeito do subjuntivo.

Muitos gramáticos (Antenor Nascentes, por ex.) desdobram a expressão da comparação hipotética em duas orações, separando **como** de **se**; consideram **como** o conectivo de uma oração condicional. Assim, no período — “Procedeu êle como se quisesse ofender” — são contadas três orações: a) procedeu êle; b) como (êle procederia); c) se quisesse ofender. (14) Acharnos muito mais simples, natural e compreensível considerar uma só oração subordinada, ao mesmo tempo comparativa e hipotética. Subentendendo todos os termos considerados ocultos muitas vêzes o período se torna até confuso, de tão artificial e forçado. Assim, no segundo exemplo de Cornélio Pena, teríamos: “Mas agora reinava na casa tôda um silêncio transparente, como (um silêncio transparente reinaria na casa tôda) se estivesse completamente vazia.” Demais, será que no próprio **como** não entra também uma certa idéia de suposição, de hipótese? No exemplo de Euclides da Cunha — “Seguem para a batalha como para algum folgado turbulento” —

---

(14) Idem nota n.º 10 (p. 56).

também temos um termo de comparação hipotético; subentendendo termos supostamente ocultos, interpretariamos: *seguem para a batalha como (seguiriam) (se seguissem) para algum folgado turbulento. Para quê tanta complicação?*

Epifânio da Silva Dias registra também o emprêgo de **como que** hipotético no português arcaico médio — **“Como que as minhas não abastassem”** (Bernardim Ribeiro) (15). Em José Américo de Almeida encontramos uma construção, de sentido hipotético, que se pode considerar dêsse tipo, se se atribuir ao mais que perfeito valor de subjuntivo: **“Sobreveio a sêca de 1898. Só se vendo. Como que o céu se conflagrara e pegara fogo no sertão funesto”** (B. 48) Também se pode considerar o **como que** já visto no item I-3.

Apresenta ainda um sentido hipotético a oração comparativa que tem por sujeito o pronome indefinido **quem**:

**“E levantava os olhos para o estuque do teto, como quem procura (como se procurasse) nas coisas do alto a compreensão que não pode encontrar no rasteio cenário do mundo”.** (G. Corção — L.A. 27)

**“Ele olhava para mim... como quem começasse a entender e por outro lado cada vez menos entendesse”.** (id. ib. 281)

**“Dona Benta respirou aliviada e assoprou várias vêzes, como quem está ressuscitando”.** (M. Lobato — R. N. 345)

Guimarães Rosa apresenta numerosas inovações na expressão da comparação hipotética:

1 — **elipse do se**: **“Mas o Fancho Bode se riu amistososo, safado, como tudo tivesse constado só numa brincadeira”.** (G.S.V. 124)

2 — **elipse total do conectivo**: **“Afinal êle falou: fôsse o Almirante Balão: — Compadre Joca Ramiro, o senhor é o chefe”.** (ib. 204)

**“E a lembrança dela queimava às vêzes, em alma, uma tatarana lagarteasse”.** (U.P. 160) (Subentende-se **como se** antes do verbo no subjuntivo)

---

(15) Epifânio da Silva Dias — *SINTAXE HISTÓRICA PORTUGUESA* — 3.ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editôra, (p. 295).

3 — **conforme se** — “A lesto que Joca Ramiro assentiu, com a cabeça, **conforme se** Sô Candelário tivesse afirmado coisa de sincera importância”. (G.S.V. — 179)

4 — **feito se** — “Mas o pior era o que eu mesmo mais sentia: **feito se** do íntimo meu tivesse tirado o esteio-mor, pé-de-casa”. (ib. 176)

5 — **feito** “De não pitar, me vinham uns rangidos repentinos, **feito** eu tivesse ira de todo mundo”. (ib. 120)

“Ele desembainhava a ponteira do ferrão, ia apear para atacar, num resumo tranqüilo, **feito viesse** apanhar alguma fruta em árvores”. (U.P. 148)

6 — **semelhante (se)** — Carece de repartir frouxo o péso do corpo, **semelhante** fôsse nadando”. (G.S.V. — 157)

7 — **a modo** — “E viu a Mõça. Naquele momento, o que êle sentiu foi quase diferente de sua vida tôda. **A modo precisasse** de repente de ser no pino de bonito, de forcoso de rico, grande demais em vantagens, mais do que um homem, da ponta do bico da bota até o tope do chapéu”. (U.P. 139)

8 — **a modo e coisa que** — O matungo, pra se deitar ajoelhava que nem vaca, e **a modo e coisa que** era cego de um ôlho. Mas eu entendi que êle não era cego **nenhuns-nada**”. (S. 270)

9 — **do jeito de que** — “José Gabriel ficou cantando baixinho, para êle mesmo só, e pelo que com os dedos, **do jeito de que** estivesse acompanhando o canto do negrinho numa viola qualqual”. (S. 57)

10 — **igual se** — “Tudo acontecia já emendado e envelhecido, **igual se** as coisas saíssem umas das outras por obrigação sorradeira — os parentes, os conhecidos, até os namoros, os divertimentos, as amizades, como se o atual nunca pudesse ter separação certa do já passado”. (U. P. 137)

11 — **que nem que** — “Meu Mocinho... Mas dizia depressa, branda e enérgica, **que nem que** “meu mocinho” um nome fôsse... (U.P. 181)

12 — **que nem como se** — “...um patrão de bôrra, que estava pr'ali no escondido, encostado, **que nem como se** tivesse virado mulher!... (S. 341)

Também o comparativo de desigualdade pode ter um termo de comparação hipotético, como se vê nos exemplos abaixo:

“João sentia-se muito mais feliz, **do que se tivera** no bôlso suas para sempre, aquelas três centenas de contos”. (M. Lob. A.C.P. 78)

“Emília soltou a formiga surrada, que lá se foi para o fundo do formigueiro com o nariz dêste tamanho e mais tonta do que se tivesse bebido um cálice de formicida”. (id. R.N. 304)

Outro caso da fusão de noções temos quando o complemento da comparação é uma oração temporal, que se poderia dizer, portanto, comparativa temporal:

“Um tôlo nunca é mais tôlo do que quando se mete a sábio”. (M. Lobato — F. 182)

“E nunca estamos mais próximos da vitória do que quando tudo parece perdido”. (M. Lobato — D.Q. 89)

### 5 — Comparação em períodos extensos ou separados. Paralelo.

Na prosa moderna são escassas as comparações extensas, em que se descreve minuciosa e enfaticamente pelo menos um dos termos comparados, comparações essas características do estilo épico, como, para dar um exemplo não muito antigo, esta de Vicente de Carvalho, em **Fugindo ao Cativoiro**:

“como um bando  
De ariscos caitetus farejando a matilha,  
Imóveis, alongado o pescoço, arquejando,  
Prêsa a respiração, o olhar em fogo, em rilha  
Os dentes, dilatada a narina, cheirando  
A aragem, escutando o silêncio, espreitando  
A solidão; assim, num alarma instintivo,  
Estaca e pôe-se alerta o bando fugitivo”. (16)

As comparações mais extensas fazem-se geralmente em períodos separados, podendo aparecer o termo de conexão (o mesmo, assim) apenas na segunda parte;

“Galo de briga com a vista vazada morre da banda cega. Tôdas as desgraças passam a chegar-lhe do lado escuro: o adversário, mal percebe a fraqueza do outro descruza e cruza de nôvo o pescoço, e batoqueia e esporcia sem dó nem piedade, na nova e vantajosa posição. O mesmo aconteceu com o boi curraleiro neste caso verdadeiro passado em noite de lua na fazenda do Boi Sólto. Com a diferença de que a vantagem não a levou outro marruco brigão e sim uma cobra sucuri”. (M. Palm. V.C. 156)

---

(16) Vicente de Carvalho — POEMAS E CANÇÕES — S.P., Editora Saraiva, 17.<sup>a</sup> ed. (p. 98)



“O objeto que serve de filho é embalado com seriedade. A doença existe, existem os sustos maternos. Mas tudo se desfaz, se acaso um intruso vem surpreender a criação, tirada em partes iguais da vida e do sonho, e que os prolonga. Assim pudesse a mãe antiga tornar invisível seu filho, ante os soldados de Herodes”. (C. D. Andrade — C.A. — 166)

Mesmo não sendo muito extensa, pode a comparação fazer-se em orações separadas.

“Dolores era um desses tipos que o Brasil importa a mãe e o pai pra bancar que também dá moça bonita. **Di-reitinho** certas indústrias de São Paulo”. (M. Andrade — B. — 65)

Também se pode sugerir a comparação, sem nenhum termo que a estabeleça.

“Aqui na roça planta-se o feijão e depois de nascidinho chega-se-lhe terra. Minha glória está nascidinha e chega-lhe terra”. (M. Lobato — B.G. II — 18)

Se se caracterizam simultaneamente dois seres ou dois fatos, indicando as semelhanças e, sobretudo, as diferenças entre eles, temos o **paralelo**, ou uma série de comparações antitéticas. Na crônica “Combate noturno”, comparando-se a um colega de ofício e vizinho de apartamento, Paulo Mendes Campos nos oferece um belo exemplo, repassado de graça irônica:

“Nossos estilos não coincidiam, não coincidiam nossos gêneros, não coincidiam nossas máquinas de escrever. O estilo dele era altissonante e longo; o meu, rasteiro e curto. O gênero dele era o romance, a poesia épica, lírica e dramática; o meu é este mesmo. A máquina do magro era uma metralhadora pesada; a minha, apenas um vago fuzil de repetição. Nem mesmo lutávamos sob bandeiras de igual valor: ele, em nome de um ideal, a Hélade, a última flor do Lácio; eu, por vil necessidade. Ele era um paladino, um cruzado, um cavaleiro da arte; eu, um membro do sindicato, um sócio da A.B.I., um mercenário a sôldo módico”. (Q. 162)

6 — **A oração subordinada conformativa** — Como as orações conformativas, antes da *uniformização da nomenclatura gramatical*, eram classificadas ou como comparativas, ou como modais, julgamos conveniente encerrar este trabalho com algumas considerações a seu respeito.

Ensinam as gramáticas que as orações subordinadas conformativas, iniciadas pelas conjunções **como**, **consoante**, **conforme**, **segundo**, exprimem acôrdo ou conformidade de um fato com outro. Ora, se conformidade pode significar identidade, semelhança, e se o conectivo mais freqüente da oração conformativa o é também da comparativa, não é tão simples distinguir uma da outra. É o que observa Adriano da Gama Kury dizendo que “as orações conformativas se aproximam bastante das comparativas e nem sempre são suficientemente nítidos os limites entre umas e outras.” Recomenda que se verifique a possibilidade de substituir **como** por **conforme**. Em caso afirmativo a oração é conformativa. (17) Acrescentemos umas poucas observações.

No período em que há oração conformativa, nota-se uma relação de fatos: o da oração principal e o da subordinada, um dêles se enquadrando no outro. Não se estabelece comparação entre sêres ou qualidades. A oração conformativa pode ser essencial ao sentido do período, sendo verdadeiramente subordinada, ou pode ser acidental, aproximando-se de uma oração independente, frouxamente subordinada à principal. No primeiro caso, temos:

“Bem treinados, portanto, para enfrentar o Juiz de Direito, os três comportavam-se **como exigiam as circunstâncias**”. (M. Palm. C.B. 190)

“Mas nós aqui temos o mais perfeito guarda-roupa do universo e cada um se veste **como sonha**”. (G. Corção — L.A. 319)

“...as graças ao Senhor, costume rendê-las, é certo, **como manda a Lei**”. (L. V. — A.C.P. 101)

A oração conformativa acidental, que pode ser suprimida sem que se afete o sentido da principal, parece mais uma oração intercalada, encerrando como esta um comentário, uma citação, uma explicação ou associação de idéias. Ao contrário da conformativa essencial que não se separa da principal por nenhum sinal de pontuação, a conformativa acidental ou intercalada aparece entre vírgulas ou parênteses:

“Os burrinhos ficaram quietos, de olhos baixos, muito reflexivos, **como é da sua condição**”. (C. M. — Q. 82)

---

(17) Adriano da Gama Kury — idem nota n.º 8 (p. 86).

“Nenhum cavalheiro (como se dizia no tempo de meu pai) se moveu para salvar a situação”. (C. D. Andrade — Q. 166)

“O mundo de hoje, tal como o estou vendo da janela do meu apartamento, desconfio que te reserva para a infância um maravilhoso aparelho electrocosmogônico de brincar”. (F. Sabino — Q. 166)

Empregam-se, geralmente, em orações conformativas, verbos transitivos que, em oração principal, podem ser complementados por oração substantiva objetiva direta. São verbos do campo semântico de **dizer** (afirmar, declarar, insinuar, garantir, etc) **pedir**, **mandar** (determinar, recomendar, exigir, ordenar) **provar** (atestar, confirmar, comprovar), **mostrar** (indicar, ensinar, advertir) **ver** (notar, perceber, verificar, identificar, etc.) e outros. Se a conformidade é com fato que já sucedeu ou costuma repetir-se, usa-se o verbo **acontecer** ou **fazer**.

Além das conjunções mencionadas, que figuram nas gramáticas, outras podem aparecer com o mesmo valor. Acrescentemos mais alguns exemplos:

“Era êle mesmo, o Ferraz, que ali estava morto e bem morto. Mais morto do que os pregos do caixão, como diria Dickens”. (G. Corção — L.A. 47)

“Agora, era abreviar o casamento com Maria do Carmo. Noivado curto — conforme D. Dosolina havia determinado”. (M. Palm. C.B. 26)

“O ministro Alvarenga Ramos não dormirá esta noite segundo se prevê em rodas bem informadas”. (C. Anjos — M. 72)

“O capitão era mesmo o Capitão Eucaristo Rosa, tal qual o carroceiro-de-jaula explicara; e o que havia por acontecer deveria ser também exatamente como o Evaristo havia adiantado”.

“Êle deve de ter rezado a reza à meia-noite, da feição que o diabo pede”. (J. G. Rosa — S. 233)

“... iam para ferrar fogo em lugar e hora determinados, semelhante se soube”. (G. Rosa — G.S.V. 190)

Éramos muito felizes, embora não o soubéssemos, como costuma acontecer geralmente”. (C. D. Andrade — C. A. 206)

“Depois pessoa tão boa, tão amiga... seria com tôda certeza alcançado pela vingança de Seu Tonho e Dona Dosolina, fôsse êle proteger criminoso, tal-qual acontecera com seu Valico Ribello e o Damastor”. (M. Palm. — C.B. 289)

“Imagino que V.S.\* é cavaleiro andante, pois está guardado de armadura e armas e jazia reclinado neste bosque, **como faziam os heróis de outrora** que se dedicavam à nossa alta profissão”. (M. Lobato — D.Q. 146)

Concluindo, a oração conformativa exprime geralmente fato real, positivo, acontecido ou com probabilidade de acontecer, tendo um caráter documentário, comprobatório. Não constitui — como a comparação em tantos casos — uma figura de linguagem, tendo, portanto, um valor expressivo e estilístico bem mais reduzido.

Encerrando este trabalho, que bem longe está de abranger todos os casos em que se encontra a idéia de comparação, recapitulemos esquematicamente os fatos expostos.

I — A comparação expressa dentro de uma só oração pode ser dos seguintes tipos:

1 — Comparação sugerida ou metáfora.

2 — Comparação indicada por palavras da área semântica do confronto, da semelhança ou diferença: a) verbos como — parecer, semelhar, valer, equivaler, ombrear, lembrar, etc. b) adjetivos como parecido, semelhante, igual, idêntico, superior, inferior, outro, etc. c) locuções como — à semelhança, à maneira, à feição, ao modo de, etc.

3 — Vaga semelhança, aproximação, indicada pelas expressões um(a) como, como, como que.

4 — Comparação progressiva expressa através da locução **cada vez mais** e equivalentes.

5 — Formas comparativas de valor intensivo ou superlativo: a) adjetivos ou substantivos anteceditos de mais/menos (do) que; mais do que pobre = muito pobre.

b) comparações estereotipadas, tipo “feio como o diabo”.

6 — Superlativo relativo.

7 — Comparação sem o segundo termo expresso.

8 — Comparação cujo segundo termo é um complemento tradicionalmente classificado como oração subordinada comparativa elítica. Grande é a variedade de conectivos: como, assim como; tal como, tanto como, também como; tanto... quanto... quanto, tão... como, tanto... como, tão...

quão; qual, tal, tal qual, tal... , talqualmente; que nem... tão/mais; feito, assim feito; (o) mesmo que, a mesma coisa que — para a comparação assimilativa e intensiva de igualdade; que ou do que — para a intensiva de desigualdade.

II — No período composto, podemos ter os seguintes casos:

1 — oração subordinada comparativa:

a) com o mesmo verbo da principal; b) com verbo vicário (fazer) c) com verbo de significação semelhante à do verbo da principal.

2 — Comparação intensiva entre o fato real, positivo (da oração principal) e a suposição do mesmo fato (subordinada); tipo: GANHOU MAIS DO QUE ESPERAVA.

3 — Comparação proporcional correlativa, com os termos quanto mais/menos... (tanto) mais/menos e outros equivalentes.

4 — Comparação hipotética com a locução **como se**.

5 — Comparação em períodos separados. Paralelo.

6 — Oração conformativa.

#### AUTORES CITADOS

ALMEIDA, José Américo de — **A Bagacelra**, 3ª ed. R. J., Livraria Castilho, 1928 (J. A. Alm. — B.)

AMADO, Gilberto — **História da Minha Infância**, 2ª ed. R.J., Livraria José Olympio Editôra, 1958 (G. Amado — H.M.I.)

ANDRADE, Carlos Drummond de — **Contos de Aprendiz**, 2ª ed. L. J. Olympio, 1958 (C. D. Andrade — C.A)

ANDRADE, Mário de **Contos de Belazartes, Os Filhos da Candinha, Aspectos da Literatura Brasileira, Macunaima**, Obras completas de Mário de Andrade, S.P. Livraria Martins Editôra (M. Andrade — B.; F.C.; A.L.B.; M.)

ANDRADE, Oswald de — **Um Homem sem Profissão**, L. J. Olympio 1954; **Memórias Sentimentais de João Miramar**, S.P., Difusão Européia do Livro, 1964 (O. Andrade — H.s.P.: M.S.J.M.)

ANJOS, Ciro dos — **Montanha**, 2ª ed. L. J. Olympio. 1956 (C. Anjos — M.)

CALADO, Antônio — **Forró no Engenho Cananéia**, R.J., Editôra Civilização Brasileira, 1964 (A. Calado — F.E.C.)

- CORÇÃO, Gustavo — **Lições de Abismo**, 7ª ed. R. J., Livraria Agir, 1954 (G. Corção — L.A.)
- CUNHA, Euclides da — **Os Sertões**, 4ª ed. L. Francisco Alves & Cia, 1911 (E. Cunha — S.)
- FILHO, Adonias — **Corpo Vivo**, Editôra Civilização Brasileira, 1962 (A. Filho — C.V.)
- FONTES, Amando — **Os Corumbas**, L. J. Olympio, 1946 (Am. Fontes — C.)
- LOBATO, Monteiro — **A Barca de Gleyre**, Editôra Brasiliense — **Obras Completas**, 1ª série 1950, vols. 11-12; **Reinações de Narizinho**, 16ª ed. Ed. Brasiliense, 1955; **Viagem ao Céu**, 12ª ed. 1957, **Memórias da Emília**, 8ª ed. 1954, **A Reforma da Natureza**, 4ª ed. 1954, **Dom Quixote das Crianças**, 7ª ed. 1957, **Fábulas**, 16ª ed. 1957, **História do Mundo para Crianças**, 14ª ed. 1957. (M. Lobato — R.N.; V.C.; M.E.; Ref.N.; D.Q.; F.; H.M.C.)
- PALMÉRIO, Mário — **Vila dos Confins**, 6ª ed. L. J. Olympio, 1960; **Chapadão do Bugre**, L. J. Olympio, 1966.
- PENA, Cornélio — **Fronteira**, Romances Completos, R.J., Editôra José Aguilar, 1958 (C. Pena — F.)
- QUEIROZ, Rachel de — **100 Crônicas Escolhidas**, R.J., L. J. Olympio, 1958. (R. Queiroz — 100C.)
- RAMOS, Graciliano, — **Angústia**, 7ª ed. R.J., L. J. Olympio, 1955.
- RÊGO, José Lins do — **Usina**, R.J., L. J. Olympio, (J. L. Rêgo — U.)
- ROSA, João Guimarães — **Sagarana**, 4ª ed. R.J., L. J. Olympio, 1967; **No Urubuquaquá no Piquém**, 3ª ed. L. J. Olympio, 1965; **Grande Sertão: Veredas**, 4ª ed. L. J. Olympio, 1965, (G. Rosa — S.; U.P.; G.S.V.)
- VERÍSSIMO, Érico — **O Resto é Silêncio**, P.A., Liv. do Globo, 1943 (E. Veris. R.S.)
- In **Antologia do Conto Paulista** — org. João Pacheco, Conselho Estadual de Cultura: **Léo Vaz** "O filho pródigo" (L.V. — A.C.P.); **Monteiro Lobato**: "Um homem honesto" (M.L. — A.C.P.); **Menotti del Picchia**: "O homem que não era" (M.d.P. — A.C.P.); **Valdomiro Silveira**: "Pedaço de cumbersa" (V.S. — A.C.P.)
- In **Quadrante** — 3ª ed. R.J., Editôra do Autor — 1962: **Cecília Meireles** (C.M. — Q.); **Dinah Silveira dt Queiroz** (D.S.Q. — Q.); **Fernando Sabino** (F.S. — Q.) **Manuel Bandeira** (M.B. — Q.) **Paulo Mendes Campos** (P.M.C. — Q.).